



UC/FPCE_2011

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

***Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS):
Estudo de validação numa amostra de adolescentes
delinquentes institucionalizados em Centros
Educativos***

Maria João Aguiar Silvestre (e-mail: mariajoaosilvestre@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Saúde,
Subárea de especialização em Psicologia Forense,
sob a orientação de Professor Doutor Mário R. Simões

Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS): Estudo de validação numa amostra de adolescentes delinquentes institucionalizados em Centros Educativos

Resumo: A *desejabilidade social* é uma questão omnipresente nas relações interpessoais, em particular na adolescência quando os jovens procuram os valores referenciais para viverem em sociedade. Examinar esta tendência de resposta e comportamento torna-se uma tarefa relevante nos protocolos de avaliação psicológica e uma garantia adicional da validade das informações comunicadas pelo sujeito. O presente estudo pretende contribuir para a validação da *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS; Marlowe-Crowne, 1960; versão de 33 itens)*, identificando a sua estrutura factorial e consistência interna, em duas amostras de adolescentes (que residem e frequentam Escolas da Comunidade ($N = 218$) e Centros Educativos ($N = 153$)). Adicionalmente, os resultados sugerem a necessidade de utilizar nestes grupos de adolescentes novos pontos de corte para a identificação de respostas significativas de desejabilidade social. O presente estudo identificou diferenças estatisticamente significativas nas duas amostras nos resultados na MCSDS: (i) é observada uma tendência ligeira de relação inversamente proporcional entre Quociente Intelectual (Q.I.) e desejabilidade social (amostra dos Centros Educativos); (ii) existe um decréscimo de respostas socialmente desejáveis com o aumento da idade para adolescentes de Escolas da Comunidade, contrariamente ao aumento de respostas socialmente desejáveis no fim da adolescência em jovens de Centros Educativos; (iii) existe um decréscimo de respostas socialmente desejáveis com o aumento da escolaridade (Escolas da Comunidade); (iv) adolescentes de nível sócio-económico médio e elevado pontuam mais na medida de desejabilidade social comparativamente a adolescentes de nível sócio-económico baixo (Escolas da Comunidade); (v) não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para a desejabilidade social entre as pontuações médias das duas amostras, género, consumo de substâncias, medidas aplicadas anteriormente à medida actual e tipo de regime de internamento.

Palavras chave: Delinquência, Desejabilidade Social, *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS)*, Validade, Avaliação Psicológica.

Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS): Validation study of a sample of institutionalized juvenile delinquents in Educational Centers

Abstract: Social desirability is an omnipresent issue in interpersonal relationships, particularly in adolescence when young people look for the reference values used to live in society. To examine this trend of response becomes a relevant task in the protocols of psychological evaluation and an additional guarantee of the validity of the information provided by the subject. This study aims to contribute to the validation of the Marlowe-Crowne social desirability scale (MCSDS; Marlowe-Crowne, 1960; version of 33 items), identifying their internal consistency and factorial structure in two samples of juveniles (who reside and attend Schools of Community ($N = 218$) and Educational Centers ($N = 153$)). Additionally, the results suggest the need to use, in these groups of juveniles, new cut-off points for the identification of meaningful answers this popular instrument for measuring social desirability. This study identified significant statistical differences in the two samples results within this measure of the MCSDS: (i) A slight trend of inverse relationship between intelligence quotient (IQ) and social desirability (EC) is observable, (ii) there is a decrease in socially desirable responses with increasing age in juveniles from Community schools, in contrast to the increase in socially desirable responses in late adolescence in juveniles EC (iii) there is a decrease in socially desirable responses with increasing education (Community Schools), and (iv) juveniles from middle and high socio-economic status have a higher social desirability score when compared with the ones from lower socio-economic status (Community Schools). There were no significant statistical differences for social desirability between the average scores of the two samples as well as for gender, substance use, measures implemented prior to the current measure and type of inpatient setting.

Key Words: Delinquency, Social desirability, *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* (MCSDS), validity, psychological assessment.

Agradecimentos

Estando a terminar esta etapa da minha vida não posso deixar de agradecer a todos aqueles que, directa ou indirectamente, contribuíram para harmonizar, apoiar e ensinar este meu processo de aprendizagem, em particular a realização da tese. Sem eles esta caminhada não teria sido tão prazerosa, desafiadora e aliciante. De seguida, e não por ordem de importância agradeço:

Ao Prof. Doutor Mário R. Simões, por toda a ajuda, dedicação, pelos momentos de enorme enriquecimento científico e prático, e por ter incentivado e estimulado o meu processo de aprendizagem.

Aos alunos, professores e funcionários das escolas da comunidade que colaboraram activamente na recolha para esta investigação, Escola Secundária Garcia de Orta (Porto) e Escola Secundária de Arouca.

À Direcção dos Serviços da Área Tutelar Educativa que gentilmente autorizou a recolha da amostra, e aos Centros Educativos (Directores e jovens), que generosamente autorizaram e aceitaram colaborar com esta investigação: Centro Educativo dos Olivais, Centro Educativo do Mondego, Centro Educativo Santo António, Centro Educativo Padre António de Oliveira, Centro Educativo Bela Vista, e Centro Educativo Santa Clara.

Ao Jorge, por todo amor e orgulho.

Aos meus amigos que me encorajaram nesta minha caminhada e que sempre acreditaram em mim.

A todos, um sincero Obrigada.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual (revisão da literatura)	3
1. Delinquência Juvenil	3
2. Desejabilidade Social	4
3. Avaliação da Desejabilidade Social	7
II – Objectivos e Hipóteses	14
III – Metodologia	15
1. Amostra	15
2. Instrumentos	19
3. Procedimentos	20
IV - Resultados	22
1. Marlowe-Crowne Social Desirability Scale	22
2. Wechsler Intelligence Scale for Children (WISC-III) / Wechsler Adult Intelligence Scale (WAIS-III)	25
3. Influência das variáveis sócio-demográficas	26
V - Discussão	29
VI - Conclusões.....	34
Bibliografia	36
Anexos	43

Introdução

Em Psicologia (investigação, avaliação psicológica), os estudos da personalidade, valores, comportamentos e sintomas psicopatológicos, são frequentemente realizados com recurso a instrumentos de auto-relato. Nestes, os sujeitos comunicam informações relevantes acerca de si mesmos (comportamentos, pensamentos, sentimentos ou outras características pessoais). Uma vez que as medidas de auto-relato podem ser influenciadas pela desejabilidade social, o controlo desta variável pode eliminar ou reduzir erros associados ao uso destas medidas e, dessa forma, melhorar a validade dos seus resultados (Jago et al., 2007) e a própria credibilidade e utilidade da avaliação e investigação psicológicas. A *desejabilidade social* remete para a intenção de transmitir uma determinada imagem acerca de si próprio, com base em respostas socialmente aceitáveis ou consideradas "correctas". Como já foi referido, a questão da desejabilidade social coloca-se de forma mais premente sempre que se utilizam medidas de auto-relato (entrevistas, questionários), dependendo ainda do contexto em que é administrado o instrumento, e das necessidades e objectivos subjacentes à avaliação.

Triandis e Suh (2002) lembram que a personalidade é moldada por influências genéticas e ambientais, e entre as mais importantes influências do ambiente estão as culturais. Por sua vez, Allport (1973) refere que a personalidade é um sistema dentro de uma matriz de sistemas sócio-culturais; sendo assim, a maior parte dos comportamentos e características de personalidade tem uma dimensão cultural, podendo estes ser considerados mais desejáveis do que outros em alguns contextos. Neste contexto, Walsh (1990) sugere que pontuações na desejabilidade social contaminam a mensuração da personalidade e comprometem a avaliação de instrumentos de auto-relato.

Considerar a questão da desejabilidade social na adolescência torna-se particularmente importante uma vez que se trata de adolescentes que estão em processo de construção pessoal e de moratória psicossocial, e que começam a interiorizar as normas e culturas vigentes da sociedade em que estão inseridos.

Neste contexto de avaliação e investigação psicológica de adolescentes torna-se relevante a adaptação e validação de uma escala de desejabilidade social. A *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale*

Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS): Estudo de validação numa amostra de adolescentes institucionalizados com comportamentos anti-sociais
Maria João Silvestre (e-mail: mariajoaosilvestre@hotmail.com) 2011

(MCSDS) é uma medida de avaliação da desejabilidade social reconhecida e muito utilizada internacionalmente e, neste plano, um instrumento a considerar na caracterização de adolescentes delinquentes institucionalizados (que constitui igualmente um grupo pouco estudado no nosso país também no que diz respeito a esta variável).

Alguns estudos indicam que os sujeitos melhor ajustados socialmente seriam os que adoptassem padrões de conduta aceites e definidos na sociedade (Blankenship, 1974). Uma questão importante radica na possibilidade de adolescentes delinquentes, apesar de violarem as regras estabelecidas pela sociedade, manifestarem tendência para comunicar uma imagem positiva e ajustada deles próprios reconhecendo ao mesmo tempo o que é socialmente mais desejável ou aceitável.

Considerando a hipótese de MacEwan, Davis, MacKenzie, e Mullen, (2009) que afirmam que a presença de respostas socialmente desejáveis constitui uma limitação no uso de questionários no estudo com criminosos, a presente investigação compara as respostas à MCSDS por parte de um grupo de adolescentes institucionalizados em Centros Educativos em consequência do seu comportamento delinvente com as respostas de um outro grupo a residir e frequentar Escolas da Comunidade.

O presente estudo pretende constituir um contributo para melhorar a validade e utilidade das avaliações psicológicas com este grupo ao considerar a dimensão da desejabilidade social como uma variável relevante para a interpretação dos resultados em medidas de auto-relato (entrevistas, escalas, questionários, inventários). Para o efeito, recorre à MCSDS, uma medida consensual de exame da desejabilidade social.

I – Enquadramento conceptual (revisão da literatura)

1. Delinquência Juvenil

Alguns investigadores da Psicologia do comportamento anti-social incluíram nas suas descrições da personalidade características atribuíveis aos delinquentes. Para Rutter et al. (1998) (cit in. Fonseca, 2000), estes sujeitos “na adolescência, distinguem-se pelo insucesso escolar, consumo de drogas, problemas emocionais, ou consumo de álcool”. Farrington e Loeber (2000, 2001) afirmam que os adolescentes delinquentes tendem a manifestar múltiplos problemas na juventude e sinalizam que os factores de risco da delinquência na infância podem ser circunscritos a 5 variáveis: Criança, Família, Escola, Colegas e Comunidade. As vulnerabilidades da Criança/Adolescente seriam, o temperamento difícil, a impulsividade, o consumo de drogas, a agressividade, o isolamento, a baixa inteligência e a toxicidade relacionada com o chumbo. Relativamente à Família os factores de risco seriam, o comportamento anti-social dos pais, o consumo de drogas nos pais, práticas educativas inadequadas, fraca supervisão parental, castigos físicos, negligência, família numerosa, mãe adolescente, mãe fumadora durante a gravidez, baixo nível sócio-económico, e escolaridade reduzida da mãe. No que diz respeito à Escola, o desempenho académico fraco, número elevado de reprovações, fraca vinculação à escola, absentismo, aspirações escolares baixas, reduzida motivação escolar desorganização e mau funcionamento escolar parecem constituir os principais factores de risco. Em associação a desempenhos escolares pobres vários estudos concluem que comparativamente a sujeitos da população normal os delinquentes manifestam níveis de funcionamento intelectual (QIs) mais reduzidos (Lynam et al. 1993; Lipsey & Derzon 1998; Farrington, 1998). Adicionalmente, a rejeição por parte dos colegas, e a associação a pares desviantes ou delinquentes constitui outro elemento de vulnerabilidade. Por fim, a vizinhança pobre, desfavorecida e desorganizada, a facilidade na aquisição de armas e a exposição à violência dos *media* constituem os factores de risco associados à Comunidade.

A delinquência juvenil parece ter aumentado nas últimas décadas, demonstrando maior incidência em indivíduos de classes socioeconomicamente mais desfavorecidas e que vivem em meio urbano

(Elliott & Huizinga, 1980; APA, 2002; Born, 2005). Diversos estudos demonstram que o comportamento anti-social é mais comum no sexo masculino (Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini, & Hutz, 2008; Vaillancourt, 2005; Underwood, 2004; Perkins & Borden, 2003). Além disso, os rapazes parecem aceitar melhor e manifestar maior propensão para o comportamento anti-social do que as raparigas, apesar destas conseguirem ser mais discretas e subtis nos seus comportamentos desviantes (Gorman-Smith & Loeber, 2005).

Como refere Fonseca (2000), a delinquência juvenil é uma expressão utilizada, em contexto jurídico, para designar actos cometidos por um indivíduo abaixo da idade de responsabilidade criminal que são considerados ilegais. Também Fréchette e LeBlanc (1987) afirmam que é a lei enquanto regra formal e enquanto símbolo, ou seja, enquanto portadora de consenso social, que constitui o ponto de apoio mais importante, mais sólido e mais invariante para definir o que é a delinquência. Posto isto, “é impossível compreender e analisar a delinquência sem referência à sociedade em que ela existe. É através da sociedade, das suas regras, das suas normas e das suas leis que o acto delinvente é definido” (Born, 2005; p.19). Sendo assim, torna-se importante averiguar se as idiosincrasias do comportamento delinvente têm influência na avaliação da tendência para a desejabilidade social, e o seu eventual impacto nas avaliações psicológicas.

2. Desejabilidade Social

A caracterização do conceito de desejabilidade social implica o recurso aos contributos e formulações de vários autores. Neste contexto, Marlowe e Crowne (1960), definem desejabilidade social como a necessidade de dar respostas culturalmente aceites pela sociedade. Para Doron e Parot (2001), a desejabilidade social corresponde à escolha sistemática das respostas favoráveis no momento de uma auto-descrição. Por sua vez, Furnham (1986) acrescenta que a desejabilidade social representa a tendência de distorção de auto-relatos numa direcção favorável, negando traços e comportamentos socialmente indesejáveis. Segundo Paulhus (1991), a desejabilidade social é a tendência dos entrevistados para falsificar os seus auto-relatos numa direcção favorável, por exemplo, facultando respostas,

que, para as suas crenças, são consistentes com as normas e expectativas sociais. Para Holden (1994, p.429; cit. in Seol 2007), a desejabilidade social é a tendência para os indivíduos se apresentarem de uma forma geralmente favorável. Preti e Miotto (2011) sublinham que a desejabilidade social pode ser concebida como possível auto-engano, dado que se trata de uma atribuição positiva à própria pessoa. Ganster, Hennessey, e Luthans (1983; in Mitchell et al. 2011), alertam também para o facto de a desejabilidade social poder contribuir para os participantes de estudos facultarem respostas falsas ou omitirem respostas genuínas.

Outros autores descrevem a desejabilidade social como sendo uma característica importante da personalidade dos indivíduos a considerar na avaliação psicológica (Edwards, 1957; Osgood, 1962; Peabody, 1967). Neste plano, convém referir que são vários os estudos que corroboram a hipótese da desejabilidade social poder ser conceptualizada como um traço de personalidade (Bernardi, 2006; Furnham, 1986; McCrae & Costa, 1983; Nicholson & Hogan, 1990; Paulhus, 1991). Neste contexto, uma questão que atravessa a literatura é a de saber se a desejabilidade social é um traço de personalidade ou uma estratégia situacional (Zerbe & Paulhus, 1987). Pesquisas usando modelos latentes de estado-traço indicam que a maior percentagem de variância nas respostas remete para diferenças de traço e que uma percentagem pequena mas significativa de variância é devido a condições situacionais específicas (Schmitt et al., 1993). Além disso, é reconhecida a existência de uma relação significativa entre desejabilidade social e auto-relatos de comportamento (Kogan, 1964; cit. in Crutzen e Göritz, 2010). Por isso, é razoável supor que os protocolos de avaliação baseados em medidas de auto-relato em várias áreas da saúde pública/saúde mental sejam propensos à manifestação de respostas socialmente desejáveis. Uma vez que as medidas de auto-relato são influenciadas pela desejabilidade social, é imperioso o controlo desta variável de modo a melhorar a validade destas medidas (Jago et al. 2007).

Outros conceitos (por exemplo, *response bias*, *socially desirable responding*) têm sido utilizados na literatura psicológica com significado semelhante ao de *desejabilidade social* (ver, por exemplo, Paulhus & Reid, 1991; Richman, Kiesler, Weisband & Drasgow, 1999).

Em suma, a desejabilidade social traduz uma propensão por parte das

peessoas para dar respostas consideradas como socialmente mais aceitáveis e negar associação pessoal com opiniões ou comportamentos considerados socialmente desfavoráveis.

A importância de investigar a natureza da relação entre a desejabilidade social e o comportamento delincente prende-se com a necessidade de saber se estes indivíduos excluídos socialmente tendem a responder de acordo com as normas sociais vigentes, indo ao encontro da formulação de Kim e Hill (2003) quando afirmam que indivíduos com alto desejo de aceitação social inibem a verbalização de comportamentos que são vistos como não desejáveis, como é o caso dos comportamentos anti-sociais (cit. in Scagliusi et al., 2004). Neste plano, Benson (2010) refere que os adolescentes com problemas externalizantes e internalizantes e dificuldades na relação com os pais, tendem a pontuar mais na desejabilidade social (reconhecida com base no recurso à MCSDS – *Form A*), sugerindo assim que adolescentes com “menos problemas” comportar-se-iam de forma mais socialmente desejável. Contudo, e relativizando a tendência atrás descrita, o estudo de Pervan e Hunter (2007), mostra que a pontuação na desejabilidade social (MCSDS) não é significativamente diferente entre estudantes universitários e sujeitos com comportamento anti-social (violadores, molestadores de crianças e agressores violentos).

Introduzindo maior complexidade no estudo da relação entre comportamentos anti-sociais e desejabilidade social, a investigação recente com adolescentes, de Crutzen e Göritz (2010), assinala a existência de uma correlação positiva entre consumo de drogas duras e desejabilidade social (identificada com base no recurso à MCSDS); no entanto, esta mesma tendência não é observada relativamente ao consumo de drogas leves ou álcool. Por sua vez, Hussong e Hicks (2003) concluem que os rapazes com consumos regulares de substâncias apresentam pontuação baixa no MCSDS.

Relativamente às diferenças de género para a desejabilidade social (MCSDS), os estudos disponíveis sugerem que estas não são estatisticamente significativas (Loo & Loewen, 2004; Zook & Sipps, 1985; Fraboni & Cooper, 1989; Holden & Fekken, 1989).

Por outro lado, diversos estudos evidenciam que crianças mais novas e menos inteligentes tendem a obter pontuações mais elevadas na desejabilidade social comparativamente a crianças mais velhas e mais

inteligentes (Crandall, 1966; Crandall & Katkovsky, 1965; Walsh et al., 1974). Crandall e Katkovsky (1965) afirmam ainda no seu estudo que a "classe social" não apresenta nenhuma relação estatisticamente significativa com a desejabilidade social, contrariando o estudo de Ribas et al. (2004) que conclui pela existência de uma correlação negativa estatisticamente significativa para nível sócio-económico e escolaridade com desejabilidade social. No estudo de Ribas et al. (2004) é ainda referido que a desejabilidade social tende a diminuir à medida que a idade aumenta.

O estudo da desejabilidade social deve considerar ainda variáveis de natureza emocional e psicopatológica. Por exemplo, Pretti e Miotto (2011) concluíram que adolescentes com pontuações mais elevadas em depressão, psicose e ideação suicida pontuam menos na desejabilidade social (identificada através da MCSDS).

De acordo com o anteriormente apresentado, parece evidente a necessidade de aprofundar mais este constructo e consequente relação com a delinquência, considerando o recurso à MCSDS, já que esta é uma das medidas internacionalmente mais usadas para avaliar a desejabilidade social.

3. Avaliação da Desejabilidade Social

3.1. *Marlow-Crowne Social Desirability Scale* (MCSDS; Marlowe-Crowne, 1960)

Um reputado investigador nesta área, Palhus (1991) refere que o impacto da desejabilidade social na validade dos questionários começou a ser colocado há 50 anos atrás, tornando-se este constructo, desde então, tema de interesse e objecto de numerosas pesquisas. Uma parte muito substantiva da investigação e avaliação relativa ao construto desejabilidade social tem sido realizada com a *Marlow-Crowne Social Desirability Scale* (MCSDS; Marlowe-Crowne, 1960). A MCSDS apresenta-se como um instrumento muito actual, com aproximadamente meio século de investigação ininterrupta, objecto de utilização em diversos países e culturas, e dispendo de estudos sugestivos da presença de boas propriedades psicométricas (Scagliusi et al., 2004).

Segundo Stöber (2001), a MCSDS, a *Edwards Scale of Social Desirability* (ESDS; Edwards, 1957) e o *Balanced Inventory of Desirable*

Responding (BIDR-7; Paulhus, 1998) são instrumentos muito usados na avaliação da desejabilidade social. No entanto, são vários os estudos que embora reconhecendo não se tratar de um instrumento recente, sublinham que a Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne continua ainda hoje a ser a mais frequentemente utilizada em contexto de investigação (Leite & Beretvas, 2005; Beretvas, Meyers & Leite, 2002, in Gouveia et al. 2009; Ribas et al., 2004; Barger, 2002; Rudmin, 1999; Nederhof, 1985).

Neste plano, Beretvas, Meyers e Leite (2002) sublinharam que desde o seu desenvolvimento a MCSDS já foi usada em mais de 1000 estudos. O número de estudos que é hoje possível contabilizar é forçosamente mais elevado. Finalmente, e de modo complementar, outros autores salientam que a MCSDS é o instrumento mais utilizado quando se pretende examinar o constructo da desejabilidade social como uma tendência inconsciente de criar uma impressão positiva de si mesmo, evitar críticas e receber aprovação (cf. Crowne & Marlowe, 1960; McCrae & Costa, 1983; Furnham, 1986; Paulhus 1991; Ribas et al., 2004; Bernardi, 2006).

A MCSDS foi originalmente desenvolvida com o objectivo de colmatar a necessidade de uma medida para avaliar a desejabilidade social independente da psicopatologia. Neste contexto, Crowne e Marlowe (1960) seleccionaram 50 itens provenientes de diversos questionários de personalidade que descreviam comportamentos considerados socialmente desejáveis (mas não frequentes) e comportamentos indesejáveis (mas frequentes) sendo excluídos itens com implicações de natureza psicopatológica. Dez peritos avaliaram estes itens tendo em conta o nível de desejabilidade social que era transmitido por cada item. Passando a fazer parte da versão provisória da escala os itens que apresentavam uma concordância dos peritos acima de 90%, ficando assim apurados 47 itens. Esta versão do instrumento foi sujeita a uma nova avaliação com o objectivo de averiguar um possível não ajustamento implícito nas respostas socialmente desejáveis, a outros dez peritos. Posteriormente, a escala foi aplicada numa amostra de 76 estudantes universitários, e os dados foram usados para realizar uma análise do poder discriminativo dos itens. Dando assim origem à escala de 33 itens.

A MCSDS dispõe ainda de seis versões reduzidas. Três das versões foram desenvolvidas por Strahan e Gerbasi (1972), as versões X1 e X2, cada

uma com 10 itens e a versão XX, com 20 itens. As outras três versões foram elaboradas por Reynolds (1982), *Form A* composta por 11 itens, *Form B* constituída por 12 itens e *Form C* que inclui 13 itens. Fisher e Fick (1993) examinaram as versões reduzidas e a versão original usando a análise factorial confirmatória, concluindo que todas as versões eram eficazes e consistentes, variando a consistência interna entre 0.50 e 0.75 (Loo & Loewen, 2004; Ballard, 1992; Reynolds, 1982; Strahan & Gerbasi, 1972), sendo a versão reduzida X1 aquela que evidenciou melhores resultados, seguida da versão X2. Todas as correlações entre as versões reduzidas e a versão longa (33 itens) variaram entre 0.82 e 0.93.

A MCSDS (versão de 33 itens) demonstra robustez nos diversos estudos, apresentando resultados positivos relativos à precisão: consistência interna (medida pelo coeficiente alfa de Cronbach) variável entre 0.72 e 0.96 (Crowne & Marlowe, 1960; Reynolds, 1982; Zook & Sipps, 1985; Ballard, 1992; Fisher & Fick, 1993; Loo & Thorpe, 2000; Cortoni & Marshall, 2001; Loo & Loewen, 2004) e estabilidade temporal (medida pelo coeficiente de correlação teste-reteste, com intervalo de um mês entre as aplicações) de 0.89 (Crowne & Marlowe, 1960).

Do nosso conhecimento, a MCSDS dispõe de dois estudos na população portuguesa (Barros, 2005; Poínhos, 2008), ambos relacionados com a temática das perturbações alimentares. Contudo, e para o presente estudo, houve a necessidade de fazer um novo trabalho de adaptação¹, procedendo-se a uma nova tradução dos itens da escala, tendo-se recorrido posteriormente ao método da reflexão falada para avaliar a adequação semântica dos itens. Daqui resultaram algumas modificações, de modo a facilitar uma maior compreensão dos itens. A versão final da MCSDS compreende 33 itens.

3.1.1. Vantagens da MCSDS

A escolha deste instrumento para avaliar o constructo da desejabilidade social resulta das suas vantagens comparativamente a outras medidas mais recentes, como a *Soziale Erwünschtheitsskala* (SES-17;

¹ Simões, M. R., Almiro, P., Lucas, S., & Sousa, L. B. (2010). *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale: Versão portuguesa adaptada*. Coimbra: Serviço de Avaliação Psicológica, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Stöber, 1990), *Children's Social Desirability Questionnaire* (CSD; Crandall et al., 1965), *Edwards Scale of Social Desirability* (ESDS; Edwards, 1957), e *Balanced Inventory of Desirable Responding* (BIDR-7; Paulhus, 1998). Esta opção fundamenta-se mais especificamente considerando a perspectiva de vários investigadores. Assim, e segundo Kampfe (2009), a escala SES-17 contém alguns itens que são menos adequados para participantes examinados em contexto prisional (no caso da presente investigação, adolescentes internados em Centros Educativos), como por exemplo os itens “Às vezes deito lixo para a rua” ou “No tráfego rodoviário tenho sempre em consideração os outros condutores”. A inclusão de itens menos pertinentes/adequados ao grupo populacional em estudo, torna questionável o uso desta escala.

Por sua vez, o *Children's Social Desirability Questionnaire* (CSD; Crandall et al., 1965), encontra-se sobretudo associado à avaliação da psicopatologia e destina-se a adolescentes até aos 16 anos de idade. O CSD não foi considerado uma vez que a amostra do presente estudo inclui adolescentes até aos 19 anos e, além disso, não se pretendia o recurso a um instrumento de avaliação da psicopatologia. A MCSDS tem a vantagem de ser independente do exame da presença de psicopatologia (Tanaka-Matsumi & Kameoka, 1986) e pode ser aplicada a sujeitos com 12 anos ou mais anos de idade.

Edwards (1957), construiu a *Edwards Social Desirability Scale* com base no *Minnesota Multiphasic Personality Inventory* (MMPI; McKinley & Hathaway, 1942), que avalia, principalmente, aspectos psicopatológicos da personalidade confundindo, desta forma, a desejabilidade social com a ausência de psicopatologia nos participantes. Ao contrário da *Edwards Social Desirability Scale* a MCSDS é independente da psicopatologia. Como já foi referido, Crowne e Marlowe construíram a MCSDS, certificando-se de que não haveria relação dos itens da escala com comportamentos psicopatológicos. Uma pontuação alta na MCSDS não corrobora qualquer associação a psicopatologia.

Por sua vez *Balanced Inventory of Desirable Responding* (BIDR) desenvolvido por Paulhus (1984) identifica a existência de dois factores/aspectos distintos da desejabilidade social: (i) auto-engano (*self-deception*), definido como uma distorção de resposta resultante de uma

tendência inconsciente de fornecer auto-relatos positivos (Paulhus, 1991), ou seja, uma apresentação inconsciente de uma imagem positiva de si próprio; e (ii) gestão de impressões (*impression management*), que corresponde a uma distorção de respostas devido à sua propositada adulteração, ou seja, os sujeitos opta por se apresentar como socialmente mais adequados, ajustados e desejáveis, revelando desta forma, uma motivação de aprovação social. O *auto-engano* é considerado um mecanismo de defesa, constitui uma tendência involuntária do sujeito para se retratar de uma forma favorável e positiva, significando que este pode acreditar sinceramente nas suas auto-descrições (Li & Bagger, 2007). Já a *gestão de impressões* deve ser contabilizada em qualquer tentativa de validação pois representa as respostas propositadamente distorcidas dadas pelos sujeitos com objectivo de manipular a sua imagem pessoal (Paulhus & Reid, 1991; Nolder, 1990).

Existe ainda dois estudos portugueses que aplicaram a MCSDS, Poínhos et al. (2008) e Barros et al. (2005), onde relacionam o construto da desejabilidade social com excesso de peso e ingestão alimentar, apresentando valores de consistência interna de .65 e .64, e médias de 20.9 e 17.6, respectivamente.

Por todas estas razões, incluindo o facto de já dispor de estudos em Portugal e a robustez do instrumento descrita anteriormente, a opção pela MCSDS revelou ser a mais adequada para os objectivos do presente estudo.

3.1.2. Limites da MCSDS

Gawronski e cols. (2007), defendem que a escala de Marlowe-Crowne pode ser muito genérica para captar distorções motivacionais em auto-relatos, podendo ser necessária uma medida de desejabilidade social mais diferenciada que distinga o *auto-engano* da *gestão de impressões*. No entanto, os resultados do estudo de Seol (2007), que utilizou a metodologia da Teoria de Resposta ao Item (modelo de Rasch), corroboram o constructo unidimensional mensurado pela MCSDS e sugerem que como medida de desejabilidade social esta escala é robusta.

Outra crítica à MCSDS diz respeito ao facto de existirem itens que não são adequados a menores de 18 anos (e.g. “Antes de votar, procuro saber as competências de todos os candidatos”) (Beretvas, Meyers, & Leite, 2002).

Segundo Paulhus (1991) também está presente a possibilidade de sujeitos com pontuação elevada na MCSDS manifestarem uma propensão para a dissimulação ou mesmo uma conduta honesta, sugestiva de evidência de auto-engano.

A existência de um número reduzido de estudos de validação na população portuguesa, exclusivamente centrados na problemática dos comportamentos alimentares (cf. Barros, 2005; Poínhos, 2008) justifica a necessidade de estudos adicionais onde se inclui a presente investigação que incide num grupo especial (adolescentes delinquentes institucionalizados) e um grupo comparativo de adolescentes da comunidade.

3.1.3. Estudos com a MCSDS

Apesar de serem numerosos os estudos com este instrumento são muito escassos aqueles que relacionam o constructo da desejabilidade social com o comportamento anti-social ou a delinquência. Existem apenas cinco investigações, todas internacionais, que relacionaram estas dimensões: duas pesquisas recorrem ao mesmo instrumento (a MCSDS; cf. Fisher & Parsons, 1962; Blankenship, 1974); e três outras pesquisas usam um outro instrumento: a *Soziale Erwünschtheitsskala*, uma entrevista com 4 questões e o *Children's Social Desirability Questionnaire* (cf. Kampfe et al., 2009; Laak et al., 2003; Mabe & Treiber, 1989). Contudo, não existem estudos portugueses que relacionem estas duas dimensões.

O estudo de Kampfe et al. (2009) apresenta uma relação importante com a presente investigação visto que a população deste estudo provém de um contexto "similar" (contexto prisional alemão, 60 sujeitos com idades compreendidas entre os 16 e 60 anos, e uma amostra de 50 sujeitos da comunidade como grupo de controlo). Os resultados referem uma pontuação estatisticamente mais elevada de desejabilidade social para a população de presos comparativamente à população em geral. Neste mesmo estudo a idade não apresentou correlação significativa com a desejabilidade social. No entanto, o instrumento usado é a *Soziale Erwünschtheitsskala* (SES-17; Stöber, 1999).

Laak et al. (2003) recorrem no seu estudo uma amostra de raparigas ($N = 33$), institucionalizadas pela prática de crimes, com idades

compreendidas entre os 12 e 18 anos. Contudo, para avaliar a tendência de respostas socialmente desejáveis estes autores apenas usaram quatro questões que foram introduzidas na entrevista com estas adolescentes: “Mentiste no último ano?”, “Chegaste atrasado a escola no último ano?”, “Fizeste alguma coisa contra a vontade dos teus pais no último ano?” e “Quebraste alguma promessa no último ano?”. A média das pontuações para a desejabilidade social foi baixa ($M = 0.18$; $DP = 0.58$) concluindo os autores que estas adolescentes delinquentes tendiam a responder de forma honesta.

Mabe e Treiber (1989) utilizaram o *Children's Social Desirability Questionnaire* (CSD; Crandall et al., 1965) para investigar a desejabilidade social em crianças com internamento psiquiátrico e idades compreendidas entre 6 e 16 anos ($N = 76$). Nesta investigação é demonstrado que a pontuação elevada na desejabilidade social está fortemente associada a: (i) idade mental inferior (sendo a idade mental = idade x QIEC(WISC-R)/100); (ii) pontuações mais altas nos auto-relatos de competências sociais; (iii) pontuações mais baixas nos auto-relatos de raiva; e, (iv) pontuações baixas nos relatos dos pais para a externalização de perturbações comportamentais. À semelhança da presente investigação também este estudo relaciona o valor de Q.I. (através da WISC-R; $M = 88.42$, $DP = 19.76$) com a desejabilidade social, sendo esta relação estatisticamente significativa ($r = 0.40$; $p < 0.01$).

Fisher e Parsons (1962) usaram uma amostra de 80 presos adultos do sexo masculino norte-americanos, mas com recurso à MCSDS. Aqui, a pontuação da desejabilidade social é significativamente mais alta comparativamente com a população inserida na comunidade (presos: $M = 16.73$, $DP = 6.04$; adultos da comunidade: $M = 13.72$, $DP = 5.78$).

Posteriormente, Blankenship (1974) usou também a MCSDS para avaliar a desejabilidade social em raparigas adolescentes delinquentes (divididas em dois grupos de delinquentes sexuais ($N = 28$, $M = 15.04$) e não sexuais ($N = 23$, $M = 15.20$)) comparativamente a raparigas estudantes liceais norte americanas ($N = 34$, $M = 14.55$). No entanto, os resultados não apresentaram diferenças significativas entre as respostas dos dois grupos. É observada uma pontuação ligeiramente superior no grupo de delinquentes que foi interpretada como remetendo para um comportamento defensivo.

II – Objectivos e Hipóteses

O objectivo central da presente investigação é a validação do *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* (Crowne & Marlowe, 1960) junto de adolescentes institucionalizados em Centros Educativos e adolescentes de Escolas da Comunidade examinando especificamente a estrutura factorial do instrumento, a sua consistência interna e a capacidade discriminativa das pontuações nos dois grupos populacionais (grupo experimental e grupo de controlo). Mais especificamente pretende-se encontrar resposta para várias questões:

A primeira questão pode ser respondida a partir da formulação de duas hipóteses divergentes legitimadas por diferentes investigações. A Hipótese 1: Os adolescentes com comportamento anti-social (delinquentes institucionalizados) obtêm pontuações superiores na MCSDS comparativamente a adolescentes sem comportamentos problemáticos a residir e estudar na Comunidade (à semelhança do observado nos estudos de Kampfe et al. (2009), Kim & Hill, 2003, cit. in Scagliusi et al., 2004 e Fisher & Parsons, 1962), ou, pelo contrário, Hipótese 2: não existem diferenças significativas entre adolescentes institucionalizados e não institucionalizados para o constructo da desejabilidade social no mesmo sentido dos estudos de Pervan e Hunter (2007), e Blankenship (1974)?

Também será analisada a relação entre funções cognitivas/nível intelectual (QI) e desejabilidade social no grupo experimental, sendo esperado, Hipótese 3, uma relação negativa entre Q.I. e desejabilidade social à semelhança dos estudos de (Mabe & Treiber, 1989; Walsh et al., 1974; Crandall, 1966; Crandall & Katkovsky, 1965), em que sujeitos com baixo Q.I. (WISC-R) obtiveram pontuações mais elevadas na desejabilidade social, (*Children's Social Desirability Questionnaire*). A Hipótese 4 considera a necessidade de identificar pontos de corte específicos em função da natureza das amostras, admitindo a utilidade e valor do ponto de corte 17 referido no estudo original (Marlowe & Crowne, 1960).

Será ainda analisada, no grupo experimental (adolescentes institucionalizados em Centros Educativos), a natureza da relação entre desejabilidade social e as variáveis género, idade, escolaridade, regime de internamento, histórico de medidas aplicadas, consumo de substâncias e nível sócio-económico.

III – Metodologia

1. Amostra

O grupo experimental do presente estudo foi constituído por adolescentes ao abrigo da Lei Tutelar Educativa (LTE) a cumprir medida de internamento em Centro Educativo. A LTE tem como pressupostos que o sujeito seja menor (entre os 12 e os 16 anos de idade aquando da prática delituosa), a prática de facto qualificado pela lei como crime e a existência de educação do menor para o direito. A LTE é aplicada em situações de comportamentos juvenis delinquentes, procurando responsabilizar os adolescentes pelos seus actos e implementando medidas com carácter punitivo e educativo, com a finalidade de promover uma inserção social do jovem orientada pelas normas e regras sociais, e contemplando os seus direitos mas também os seus deveres enquanto cidadãos da nossa sociedade.

Tabela 1. Grupos CE e Escolas: Idade (média, desvio-padrão, amplitude), género, escolaridade, zona habitacional, reprovações e NSE

	CE (N=153; 100%)	Escolas (N=218;100%)
Idade	16.2±1.30 (13-19)	15.0±2.21 (12-19)
Género		
Masculino	141 (92.2%)	118 (54.1%)
Feminino	12 (7.8%)	100 (45.9%)
Ano de Escolaridade		
2º ciclo	48 (31.4%)	-
3º ciclo	103 (67.3%)	101 (46.3%)
Secundário	2 (1.3%)	117 (53.7%)
Área de Residência		
Predominantemente urbana	147 (96.1%)	156 (71.6%)
Moderadamente urbana	6 (3.9%)	62 (28.4%)
Número de Reprovações		
Nenhuma	2 (1.3%)	163 (74.8%)
Uma	8 (5.2%)	55 (25.2%)
Duas ou mais	143 (93.5%)	-
Nível sócio económico		
Baixo	150 (98.0%)	66 (30.3%)
Médio	2 (1.3%)	85 (39.0%)
Elevado	1 (0.7%)	67 (30.7%)

A amostra utilizada para a presente investigação é composta por 153 adolescentes delinquentes institucionalizados nos vários Centros Educativos de Portugal Continental, 141 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, 92.2% e 7.8% respectivamente, com idades compreendidas entre os 13 e 19 anos, sendo a média de idade de 16.2. A distribuição das idades apresenta-se

Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS): Estudo de validação numa amostra de adolescentes institucionalizados com comportamentos anti-sociais
 Maria João Silvestre (e-mail: mariajoaosilvestre@hotmail.com) 2011

da seguinte forma: 9,8% na categoria dos 13-14 anos, 47.7% na categoria dos 15-16 anos, e 42.5% na categoria dos 17-19 anos.

Tabela 2. *Distribuição dos sujeitos por idade*

Idade	12/13-14	15-16	17-19
C.E.	15 (9.8%)	73 (47.7%)	65 (42.5%)
Escolas	98 (45.0%)	48 (22.0%)	72 (33.0%)

Quanto à zona habitacional é de notar uma grande diversidade, de norte a sul do país, mas com uma grande concentração de adolescentes da zona de Lisboa. A amostra tem muito mais elementos do sexo masculino. Tal está de acordo com a literatura, que assinala que os problemas de delinquência juvenil aparecem muito mais frequentemente nos sujeitos do sexo masculino (ao longo de toda a vida) do que nas mulheres. No entanto, o período da adolescência é o que se apresenta como tendo valores mais elevados: os valores percentuais crescem até à adolescência, atingindo aí o seu pico, e com tendência a diminuir com a chegada da idade adulta (cf. Fonseca, 2000). A escolaridade destes adolescentes divide-se com a frequência de 31.4% no 2º ciclo, 67.3% no 3º ciclo, e de 1.3% no ensino secundário. 93.5% destes adolescentes já reprovaram duas ou mais vezes, 5.2% reprovou uma vez, e apenas 1.3% nunca reprovou.

O nível sócio-económico (NSE)² para cada sujeito foi obtido através do cruzamento entre a profissão e as habilitações literárias, seguindo a classificação utilizada por Simões (1994). Sendo assim, 98% destes adolescentes são provenientes de um nível sócio-económico baixo.

² **Nível sócio-económico baixo:** trabalhadores assalariados, por conta de outrem, trabalhadores não especializados da indústria e da construção civil, empregados de balcão no pequeno comércio, contínuos, cozinheiros, empregados de mesa, empregadas de limpeza, pescadores, rendeiros, trabalhadores agrícolas, vendedores ambulantes, trabalhadores especializados na indústria (mecânicos, electricistas), motoristas; até ao 8º ano de escolaridade. **Nível sócio-económico médio:** profissionais técnicos intermédios independentes, pescadores proprietários de embarcações, empregados de escritório, de seguros e bancários, agentes de segurança, contabilistas, enfermeiros, assistentes sociais, professores do ensino primário e secundário, comerciantes e industriais; do 9º ao 12º ano de escolaridade; cursos médios e superiores). **Nível sócio-económico elevado:** grandes proprietários ou empresários agrícolas, do comércio e da indústria; quadros superiores da administração pública, do comércio, da indústria e de serviços, profissões liberais (gestores, médicos, magistrados, arquitectos, engenheiros, economistas, professores do ensino superior), artistas, oficiais superiores das forças militares e militarizadas, pilotos de aviação; do 4º ano de escolaridade à licenciatura, mestrado ou doutoramento.

Tabela 3. Grupo CE: instituição, regime e tempo de internamento, medidas anteriores, ilícitos, consumo de substâncias e medicação

CE	
(N=153; 100%)	
Instituição	
CEBV	26 (17.0%)
CEM	21 (13.7%)
CEO	35 (22.9%)
CEPAO	19 (12.4%)
CESA	28 (18.3%)
CESC	24 (15.7%)
Regime de Internamento	
Aberto	19 (12.4%)
Semiaberto	94 (61.4%)
Fechado	40 (26.1%)
Tempo de Internamento	
12 meses	25 (16.3%)
18 meses	34 (22.2%)
24 meses	48 (31.4%)
Outros	46 (30.1%)
Medidas anteriores	
Não	86 (56.2%)
Acompanhamento Ed.	19 (12.4%)
Internamento CE	16 (10.5%)
Outras	32 (20.9%)
Ilícitos	
Contra as pessoas	27 (17.6%)
Contra o património	51 (33.3%)
Ambos	34 (22.2%)
Outros	41 (26.9%)
Consumo de substâncias	
Não	41 (26.8%)
Haxixe	51 (33.3%)
Álcool	12 (7.8%)
Haxixe e Álcool	41 (26.8%)
Drogas pesadas	3 (2.0%)
Álcool, Haxixe e Drogas pesadas	4 (2.6%)
Haxixe e Drogas pesadas	1 (0.7%)
Medicação	
Sim	52 (34.0%)
Não	101 (66.0%)

Os dados relativos à amostra dos adolescentes delinquentes (Centros Educativos) foi recolhida entre Abril e Junho de 2011, no Centro Educativo dos Olivais (Coimbra) com 22.9% dos casos, Centro Educativo do Mondego (Guarda) com 13.7%, Centro Educativo Santo António (Porto) com 18.3%, Centro Educativo da Bela Vista (Lisboa) com 17%, Centro Educativo Padre António de Oliveira (Lisboa) com 12.4%, e Centro Educativo Santa Clara (Vila do Conde) com 15.7% dos casos. Estes adolescentes estão divididos por regime de internamento estando assim 12.4% em regime aberto, 61.4% em regime semiaberto, e 26.1% em regime fechado. Os tempos de

internamento são variáveis: entre 2 e 42 meses, e os mais comuns de 24 meses com 31.4%, 18 meses com 22.2%, e 12 meses com 16.3%. Destes adolescentes 43.8% já teve medidas aplicadas anteriormente, sendo o acompanhamento educativo e o internamento em CE as mais comuns, com 12.4% e 10.5% respectivamente. No respeitante ao tipo de ilícitos resolveu-se dividi-los em categorias gerais definidas pela Direcção Geral da Política da Justiça (2006): a incidência é maior para crimes contra o património com 33.3%, seguida de crimes contra as pessoas e crimes contra o património com 22.2%, e de crimes contra as pessoas com 17.6%. A nível de consumo de substâncias, 73.2% destes adolescentes referem consumos anteriores à entrada no CE, com maior incidência no consumo de haxixe com 33.3%, seguido de álcool e haxixe com 26.8%, de álcool com 7.8%, de álcool, haxixe e drogas pesadas com 2.6%, de drogas pesadas com 2.0%, e de haxixe e drogas pesadas com 0.7%. 34.0% dos adolescentes internados encontram-se medicados essencialmente com anti-psicóticos, estabilizadores de humor e indutores de sono.

Foram considerados como critérios de exclusão para a amostra: presença de perturbações neurológicas ou psiquiátricas que possam influenciar o desempenho cognitivo (por exemplo: traumatismo crânio-encefálico grave ou esquizofrenia), e a existência de acentuadas dificuldades na compreensão da língua portuguesa. No entanto, embora a amostra abranja sujeitos medicados, constatou-se que as respectivas doses de medicação (por serem reduzidas) não influenciariam os seus desempenhos cognitivos.

O presente estudo incluiu igualmente uma amostra de adolescentes provenientes de Escolas da Comunidade (grupo de controlo) ($N = 254$) da zona centro e norte do país (Arouca – 28.4% e Porto – 71.6%). No entanto, o tamanho desta amostra ficou reduzido a 219 sujeitos porque 35 questionários tiveram de ser anulados, devido a ultrapassarem a idade da amostra pretendida, por não terem preenchido o verso do questionário e por apresentarem mais do que uma reprovação (já que se pretendia eliminar quaisquer défices de aprendizagem que afectassem os desempenhos cognitivos que os sujeitos pudessem ter). Sendo assim, o N total do grupo de controlo é de 219 sendo 118 do sexo masculino (54.1%) e 101 do sexo feminino (45.9%). Os critérios de inclusão para este grupo foram: (i) idade compreendida entre os 12 e 19 anos; (ii) menos do que duas retenções, de

forma a excluir quaisquer dificuldades de aprendizagens e défices cognitivos. A média de idade foi de 15 anos, com a seguinte distribuição: 45.0% na faixa etária 12-14 anos, 22.0% na faixa etária 15-16 anos, e 33.0% na faixa etária 17-19 anos. No que respeita à escolaridade, 46.3% destes adolescentes encontra-se no 3º ciclo, e 53.7% no ensino secundário, tendo já reprovado uma vez 25.2% do total de alunos, e 74.8% sem retenções. No que respeita ao nível sócio económico esta amostra encontra-se bem distribuída tendo 30.3% NSE baixo, 39.0% NSE médio, e 30.7% NSE alto.

2. Instrumentos

2.1. *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS, Crowne & Marlowe, 1960)*

O MCSDS é um instrumento que avalia a desejabilidade social e é independente da psicopatologia. É composto por 33 itens, cada um dos quais corresponde uma afirmação que descreve comportamentos do nosso quotidiano e tem como opção de resposta “Verdadeiro” ou “Falso”. Dezoito dos itens são pontuados com um ponto no caso de a afirmação ser assinalada como “Verdadeira”; os outros 15 são pontuados com um ponto se a afirmação for classificada como “Falsa”. Os que pontuam quando classificados de *verdadeiros* correspondem a comportamentos socialmente desejáveis mas pouco frequentes (itens de atribuição); os que pontuam quando classificados de *falsos* correspondem a comportamentos comuns mas socialmente indesejados (itens de negação).

As pontuações podem variar entre 0 e 33, e pontuações superiores a 17 indicam "forte desejo de aceitação social" (Crowne & Marlowe, 1960).

2.2. Subtestes da *Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças – Terceira Edição (WISC-III, Wechsler, 2003)* ou da *Escala de Inteligência de Wechsler para Adultos – Terceira Edição (WAIS-III, Wechsler, 2008)*

Elliot et al. (1985), mostraram que o baixo rendimento em provas cognitivas e em tarefas escolares (identificado a partir do número de reprovações), está significativamente relacionado com o comportamento

delinquente do aluno, embora nessa relação intervenham também outros factores, como as atitudes e expectativas em relação à escola. De acordo com estes autores, alunos menos motivados ou empenhados em conseguir um bom desempenho escolar são também aqueles que mais riscos correm de se envolver em actividades delinquentes. É de notar que apenas dois sujeitos na amostra de adolescentes institucionalizados, do presente estudo, nunca reprovaram, sendo que a maioria (93.5%) reprovou duas ou mais vezes.

Sendo assim pareceu importante a aplicação neste estudo de uma medida de inteligência (WISC-III ou a WAIS-III, consoante a idade dos sujeitos). Para fazer uma ponderação da média destas escalas de inteligência seleccionou-se, para a WISC-III 4 subtestes da escala verbal (Compreensão, Vocabulário, Memória de Dígitos e Semelhanças) e 4 subtestes da escala de realização (Código, Disposição de Gravuras, Cubos e Pesquisa de Símbolos), e, para a WAIS-III 5 subtestes da escala verbal (Compreensão, Vocabulário, Memória de Dígitos, Informação e Semelhanças), e 4 subtestes da escala de realização (Código, Disposição de Gravuras, Cubos e Pesquisa de Símbolos).

No sentido dos resultados nestas provas não serem enviadas devido à frequente aplicação nos Centros Educativos para avaliar estes adolescentes, entendeu-se que para os sujeitos a quem estes instrumentos tivessem sido administrados até um período inferior a 12 meses não seria feita uma nova aplicação e usar-se-ia os dados já existentes.

3. Procedimentos

Primeiro procedeu-se à recolha da amostra do grupo de controlo nas Escolas da Comunidade. Neste grupo populacional, a MCSDS foi objecto de aplicação colectiva. Aos sujeitos foi sempre comunicado que se tratava de uma investigação científica e que todos os dados seriam confidenciais.

Depois de obtida autorização por parte da Direcção Geral de Reinserção Social do Ministério da Justiça, foram contactados os Centros Educativos para marcação das datas de administração do protocolo. A amostra populacional foi seleccionada de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. A recolha da informação necessária para preencher os dados do questionário sócio-demográfico foi feita através da consulta dos processos

dos adolescentes presentes em cada Centro Educativo.

A colaboração dos sujeitos foi voluntária. Nos CE os sujeitos foram avaliados individualmente, demorando cada avaliação com protocolo completo aproximadamente 90 minutos (30 minutos quando não foi necessária a administração da WISC-III/WAIS-III).

A ordem de aplicação dos instrumentos foi delineada de modo a evitar possível interferência com instrumentos de avaliação de *simulação* ou *esforço reduzido* uma vez que o protocolo de avaliação usado na presente investigação incluiu testes analisados igualmente numa outra tese de mestrado (WISC-III, WAIS-III) que foram objecto de aplicação à mesma amostra. A ordem de administração do protocolo foi a seguinte: 1. Questionário sócio-demográfico; 2. os dois ensaios do *Test of Memory Malinger* (TOMM, Tombaugh, 1996); 3. *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* (MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960); 4. os sub-testes de Vocabulário da WISC-III (Wechsler, 2003) ou da WAIS-III (Wechsler, 2008); 5. ensaio de retenção do TOMM; 6. *Rey 15-Item Memory Test* (FIT; Rey, 1964; Boone et al., 2002; Simões et al., 2010); 7. restantes sub-testes (Informação [exclusivo à WAIS-III, visto que para o cálculo de QIV seria necessário o mínimo de 5 sub-testes], Compreensão, Memória de Dígitos, Semelhanças, Código, Disposição de Gravuras, Cubos e Pesquisa de Símbolos) da WISC-III/WAIS-III.

Com o objectivo de avaliar a normalidade da distribuição das respostas ao instrumento MCSDS, utilizou-se o teste Kolmogorov-Smirnov e os valores de significância correspondem a $p = .006$ para o grupo Escolas, e $p = .200$ para o grupo CE. Desta forma e tendo em consideração a dimensão das amostras (Escolas: $N = 218$; CE: $N = 153$), optou-se por recorrer fundamentalmente a estatísticas paramétricas, usando apenas um teste não paramétrico (Kruskal-Wallis).

IV - Resultados

1. Marlowe-Crowne Social Desirability Scale

Na MCSDS a pontuação média para a amostra de CE foi de 18.55 com um desvio-padrão de 5.00 [factor 1, $M = 10.39$ ($DP = 3.83$)], para a amostra das Escolas (Comunidade) a média foi de 17.94 com um desvio-padrão de 4.70 [factor 1, $M = 9.58$ ($DP = 3.75$)].

Por género, no grupo Escolas, constata-se que as raparigas ($N = 101$) pontuam em média na escala total 18.11 ($DP = 5.40$) e os rapazes ($N = 118$) 17.79 ($DP = 4.03$); nos CE a média das raparigas ($n = 12$) na escala total é de 21.08 ($DP = 6.84$), e nos rapazes ($N = 141$) é de 18.33 ($DP = 4.78$).

As respostas dos sujeitos da amostra CE são bastante heterogéneas, no entanto, existem itens específicos onde os sujeitos tendem a responder de forma mais (ou menos) socialmente desejável comparativamente aos sujeitos da amostra da Comunidade. Os itens que registam maior homogeneidade para responder de forma socialmente desejável, para os CE, são o 7 “*Tenho sempre cuidado no modo como me visto*” ($M = 0.88$, $DP = 0.32$), 20 “*Quando não sei alguma coisa, não me importo nada de o admitir*” ($M = 0.86$, $DP = 0.35$), 24 “*Eu nunca deixaria que alguém fosse castigado pelos meus erros*” ($M = 0.86$, $DP = 0.35$), e 8 “*O meu comportamento à mesa é igualmente adequado quer esteja em casa, quer esteja num restaurante*” ($M = 0.85$, $DP = 0.36$). Por outro lado, os itens que revelaram menos respostas socialmente desejáveis foram: itens 22 “*Houve alturas em que eu insisti bastante para que as coisas fossem feitas à minha maneira*” ($M = 0.21$, $DP = 0.41$), 23 “*Houve ocasiões em que senti vontade de partir tudo*” ($M = 0.22$, $DP = 0.41$), 4 “*Nunca detestei ninguém*” ($M = 0.22$, $DP = 0.42$) e 6 “*Por vezes, fico ressentido(a) quando não consigo aquilo que quero*” ($M = 0.22$, $DP = 0.42$) (Tabela 4, Anexo B). Também na amostra Escolas se procedeu à análise das respostas que apresentavam itens mais e menos pontuados para a desejabilidade social. Sendo assim, os itens que registam maior pontuação para a desejabilidade social são o 2 “*Nunca hesito em esforçar-me ao máximo para ajudar alguém que esteja a precisar*” ($M = 0.88$, $DP = 0.33$) e 1 “*Antes de votar, procuro saber as competências de todos os candidatos*” ($M = 0.86$, $DP = 0.35$). Por sua vez, os itens que revelam ser os menos pontuados para o presente construto são o 6 “*Por vezes, fico ressentido(a)*

quando não consigo aquilo que quero” ($M = 0.18$, $DP = 0.39$) e 22 *“Houve alturas em que eu insisti bastante para que as coisas fossem feitas à minha maneira”* ($M = 0.19$, $DP = 0.39$) (Tabela 5, Anexo B).

A precisão (consistência interna) foi examinada através do cálculo do coeficiente alfa de Cronbach para as duas amostras: escolas da comunidade ($\alpha = .71$; $N = 219$) e CE ($\alpha = .75$; $N = 153$). De acordo com Pestana e Gageiro (2005), estes valores são considerados "razoáveis".

Os itens com consistência interna mais elevada na amostra dos CE foram o item 7 (.88), item 20 e item 24 (.86). Os itens com consistência interna mais elevada na amostra das Escolas da Comunidade foram os itens 1 e 2 (.86 e .88, respectivamente) (Tabela 6, Anexo C).

Na amostra CE os itens apresentam uma correlação com a pontuação na escala total que varia entre $-.04$ e $.53$; apesar de haver correlações inferiores a $.30$, retirar esses itens, não alteraria significativamente o valor de consistência interna da escala total, pelo que foram mantidos. Na amostra Escolas da Comunidade os itens apresentam uma correlação com a escala total que varia entre $-.01$ e $.37$; no entanto, à semelhança do que foi dito anteriormente, a retirada dos itens com uma correlação inferior a $.30$ não afectaria o valor da consistência interna da escala total (ver Tabela 7, Anexo C).

Para avaliar a validade de construto, recorreu-se à análise factorial exploratória, com extracção dos factores pelo método das componentes principais seguida de rotação *Varimax*. Uma vez que o tamanho da amostra Escolas da Comunidade permite realizar esta análise (n itens vezes 5, que implica uma amostra mínima de 165 sujeitos), começou-se por avaliar o KMO (Kaiser-Meyer-Olkin) e o teste de esfericidade de Bartlett. O coeficiente KMO obtido (.647) mostra que existe uma correlação razoável entre as variáveis e o teste de esfericidade de Bartlett associado a um nível de significância de $.000$, indica que a matriz das inter-correlações dos 33 itens que compõem a MCSDS é significativamente diferente de uma matriz de identidade, sendo adequado proceder à análise factorial (Pestana & Gageiro, 2005). Apesar da amostra dos CE ter 153 sujeitos (e por isso faltar 12 para o número mínimo de 165), procedeu-se à referida análise mas com esta reserva. O coeficiente KMO obtido (.645) mostra também que existe uma correlação razoável entre as variáveis e o teste de esfericidade de

Bartlett associado a um nível de significância de .000 (Tabela 8, Anexo C), à semelhança da amostra anterior, indica que a matriz das inter-correlações dos 33 itens que compõem a MCSDS é significativamente diferente de uma matriz de identidade, sendo adequado proceder à análise factorial (Pestana & Gageiro, 2005).

Os factores comuns retidos foram aqueles que apresentavam um *eigenvalue* superior a 1, em consonância com o *Scree Plot* (Gráfico 1, Anexo B – Escolas da Comunidade; Gráfico 2, Anexo B - CE) e a percentagem de variância explicada. A rotação dos 33 itens da MCSDS convergiu em 12 factores, que explicam 57,83% da variância para a amostra Escolas da Comunidade e 61.05% para os CE.

À semelhança do estudo de Gouveia et al. (2009), também neste estudo se decidiu fixar a extracção num factor que explica uma variância (muito reduzida) de 11.43% para a amostra das Escolas e 13.14% para a amostra dos CE.

Tabela 9. MCSDS: Matriz de componentes rodada

Item	Componentes	
	Escolas	CE
MCSDS 23	.50	.42
MCSDS 12	.50	.56
MCDS 21	.50	.32
MCDS 11	.49	.44
MCDS 15	.47	.67
MCDS 13	.46	.40
MCDS 14	.45	.37
MCDS 26	.43	-
MCDS 19	.42	.52
MCDS 28	.40	.50
MCDS 16	.38	.37
MCDS 33	.37	-
MCDS 22	.36	.40
MCDS 20	.38	-
MCDS 10	.32	.46
MCDS 9	.40	.44
MCDS 30	.41	.44
MCDS 31	.34	-
MCDS 4	.33	.37
MCS 8	-	.50
MCS 3	-	.45
MCS 24	-	.33
MCS 6	-	.40
<i>Eigenvalues</i>	3.77	4.34
% Variância	11.43	13.14

Na estrutura factorial obtida, o factor 1, denominado por “necessidade de aceitação”, é composto por 19 itens (Escolas: Tabela 10, Anexo C; CE: Tabela 11, Anexo C). Neste factor, obteve-se um coeficiente alfa de Cronbach de .78 para CE e .75 para Escolas, ambos traduzem uma "razoável" consistência interna.

Tabela 12. Valor de alfa de Cronbach (MCSDS: Total e Factor 1)

	Escala Total		Factor 1	
	Alfa de Cronbach	Nº itens	Alfa de Cronbach	Nº itens
CE	.75	33	.78	19
Escolas	.71	33	.75	19

Ambos os grupos pontuam acima do ponto de corte tradicionalmente definido de 17. Neste contexto, é importante calcular novos pontos de corte (provisórios) específicos em função da natureza das amostras e considerando os valores relativos à média e desvio-padrão. Assim, podem ser considerados os pontos de corte 24 e 23 na pontuação total na MCSDS para CE e Escolas, respectivamente. Para o factor 1 (composto por 19 itens), os pontos de corte calculados são, respectivamente, 14 para CE e 13 para Escolas, como se pode constatar na seguinte tabela.

Tabela 13. Valores relativos aos novos pontos de corte (MCSDS: Total e Factor 1)

	Escala Total		Factor 1	
	Ponto de Corte ($M+dp$)		Ponto de Corte ($M+dp$)	
CE	24 (18.55+5.00=23.55)		14 (10.39+3.83=14.22)	
Escolas	23 (17.94+4.70=22.64)		13 (9.58+3.75=13.33)	

2. Wechsler Intelligence Scale for Children (WISC-III) / Wechsler Adult Intelligence Scale (WAIS-III)

De acordo com os Manuais destas Escalas de Inteligência (Wechsler, 2003; Wechsler, 2008), foi utilizada a classificação dos Q.I.s em: 1 – Muito inferior, 2 – Inferior, 3 – Médio inferior, 4 – Médio, 5 – Médio Superior, 6 – Superior e 7 – Muito superior.

Tabela 14. Grupo CE: Classificação do QIEC

	Frequência	%
Muito inferior	80	52.3
Inferior	32	20.9
Médio inferior	23	15.0
Médio	17	11.1
Médio superior	1	0.7

Nas provas de inteligência (WISC-III; WAIS-III) 52.3% dos adolescentes classificam-se com um QIEC *muito inferior*, 20.9% com um Q.I. *inferior*, 15.0% com um Q.I. *médio inferior*, 11.1% com um Q.I. *médio*, e 0.7% com um Q.I. *médio superior* (cf. Tabela 14).

Tabela 15. Grupo CE: Correlações entre MCSDS e QIs (WISC-III/WAIS-III)

	N	Sig	Pearson
QI EC	153	.023	-.183*
QI Verbal	153	.123	-.125
QI Realização	153	.016	-.194*

* $p < .05$

Existe correlação entre o Q.I. Escala Completa das provas de inteligência com a pontuação na MCSDS ($p = .023$; $r = -.183$), o que significa que quanto maior for a pontuação QIEC menor será a pontuação do MCSDS e vice-versa. A correlação do Q.I. Realização apresenta-se como estatisticamente significativa, $p = .016$ (ainda que reduzida $r = -.194$), então quanto maior o Q.I. Realização, menor será a pontuação da MCSDS (cf. Tabela 15).

3. Influência das variáveis sócio-demográficas

De modo a comparar a diferença de respostas socialmente desejáveis entre adolescentes de CE e de Escolas da Comunidade procedeu-se a esta análise através do teste *t*. Apesar de os adolescentes de CE pontuarem ligeiramente mais no constructo da desejabilidade social (CE: $M = 18.55$, $DP = 5.00$; Escolas: $M = 17.94$, $DP = 4.70$), esta diferença não tem significado estatístico ($p = .234$) (Tabela 16, Anexo D).

Quanto ao género, relativamente à amostra das Escolas da Comunidade, verifica-se que a diferença não é estatisticamente significativa

($p = .615$) (sexo masculino: $M = 17.79$, $DP = 4.03$; sexo feminino: $M = 18.11$, $DP = 5.40$) (Tabela 17, Anexo D). Para a diferença de género de CE procedeu-se à aplicação do teste Kruskal-Wallis com simulação de Monte Carlo uma vez que o número de sujeitos é muito discrepante. O teste revela que a diferença entre género não é estatisticamente significativa ($p = .129$), o que indica que se deveria aceitar a hipótese nula que afirma que os dois grupos são semelhantes em tendência central, apesar de a média no género masculino ser relativamente inferior à do sexo feminino (Tabela 18, Anexo D). Comparando apenas os rapazes ($N = 141$) de CE ($M = 18.33$, $DP = 4.78$) com os rapazes ($N = 118$) de Escolas da Comunidade ($M = 17.79$, $DP = 4.03$), os resultados do teste t não revelaram diferenças estatisticamente significativas ($p = .327$) (Tabela 19, Anexo D). Também os resultados do teste Kruskal-Wallis não mostraram diferença estatisticamente significativa ($p = .138$) entre raparigas ($N = 12$) de CE e raparigas ($N = 101$) de Escolas da comunidade (Tabela 20, Anexo D).

Relativamente à idade (Tabela 21, Anexo D), existem diferenças estatisticamente significativas nos resultados totais da MCSDS, para a amostra das Escolas da Comunidade ($F(2, 215) = 9.82$, $p = .000$). Os resultados dos testes de comparações múltiplas de Bonferroni demonstraram que os adolescentes da faixa etária 12-14 têm pontuações mais elevadas na desejabilidade social comparativamente às faixas etárias 15-16 e 17-19, sendo estas diferenças estatisticamente significativas. Sendo assim possível observar um tendência decrescente de pontuação para a MCSDS com o aumento da idade. No que diz respeito à idade para os sujeitos de CE nos resultados totais da MCSDS (Tabela 22, Anexo D), existem diferenças estatisticamente significativas ($F(2, 150) = 3.13$, $p = .046$). Os resultados dos testes de comparações múltiplas de Bonferroni demonstraram que os adolescentes da faixa etária 15-16 têm pontuações mais elevadas na desejabilidade social comparativamente à faixa etária 17-19.

Verifica-se que, relativamente à escolaridade da amostra das Escolas, os adolescentes que frequentam o 3º ciclo ($M = 19.41$; $DP = 4.61$) pontuam mais na desejabilidade social comparativamente aos sujeitos que frequentam o ensino secundário ($M = 16.67$; $DP = 4.42$), sendo esta diferença estatisticamente muito significativa ($p = .000$) (Tabela 23, Anexo D). No entanto, para adolescentes de CE não existe qualquer diferença

significativa de pontuação no que diz respeito ao MCSDS ($p = .284$) (Tabela 24, Anexo D).

Relativamente ao NSE para o grupo Escolas da comunidade (Tabela 25, Anexo D), existe diferença estatisticamente significativa na pontuação total do MCSDS, apresentando um $p = .023$, sendo que os adolescentes de NSE médio ($M = 18.60$; $DP = 4.43$) e alto ($M = 18.39$; $DP = 4.72$) pontuam mais do que adolescentes de NSE baixo ($M = 16.62$; $DP = 4.82$).

Foi ainda utilizado o teste ANOVA para analisar eventual presença de diferenças entre os vários regimes (Regime Aberto, Regime Semiaberto, Regime Fechado) (de adolescentes de CE) para a pontuação da escala total de MCSDS. Verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p = .936$) (Tabela 26, Anexo D). Também as variáveis de medidas aplicadas anteriormente e consumo de substâncias foram analisadas para os adolescentes dos CE através do teste t , mas os resultados, de ambos os testes, não apresentam diferença estatisticamente significativa (Tabela 27, Anexo D; e, Tabela 28, Anexo D).

V - Discussão

Relativamente ao MCSDS constata-se a existência de razoáveis qualidades psicométricas, tanto ao nível dos estudos de precisão como dos estudos de validade, revelando-se um instrumento adequado para ser aplicado neste contexto. Relativamente à consistência interna os dados do presente estudo (Escolas da Comunidade: $\alpha = .71$; CE: $\alpha = .75$) revelam ser “razoáveis” (cf. Pestana & Gageiro, 2005) e consistentes com estudos anteriores em que o alfa de Cronbach variou entre 0,72 e 0,96 (Crowne & Marlowe, 1960; Reynolds, 1982; Zook & Sipps, 1985; Ballard, 1992; Fisher & Fick, 1993; Loo & Thorpe, 2000; Cortoni & Marshall, 2001; Loo & Loewen, 2004), bem como com os dois estudos portugueses de Poínhos et al. (2008) com $\alpha = .65$, e Barros et al. (2005) com $\alpha = .64$. Quanto à validade de construto, a análise factorial exploratória permitiu identificar a existência de 12 factores, à semelhança do estudo de Gouveia et al. (2009), explicando 57.83% e 61.05% da variância para as amostras Escolas da Comunidade e CE, respectivamente (55.7% no estudo de Gouveia et al., 2005). Em consonância com a literatura decidiu-se fazer a extracção a um único factor, com saturação dos (19) itens superiores a 0.30. Este factor explica apenas 11.43% e 13.14% da variância das amostras Escolas da Comunidade e CE, respectivamente (21.7% para Gouveia et al., 2005). O que nos levaria a concluir que alguns itens da escala não funcionam adequadamente para a avaliação deste construto, apresentando uma saturação abaixo de 0,30 para o factor geral. No entanto, tal como se pode comprovar na tabela 7 (Anexo C), a retirada dos itens com uma correlação inferior a .30 não afectaria o valor da consistência interna da escala total. Sendo assim, seria importante desenvolver melhor alguns itens (reformular ou introduzir eventualmente novos itens) a fim de aumentar a variância explicada. Com efeito, uma solução de 12 factores não é interpretável e uma solução de apenas 1 factor explica uma percentagem muito reduzida da variância pelo que parece ser recomendável o recurso à pontuação total na MCSDS e respectivos pontos-de-corte.

Ambos os grupos pontuam acima do ponto de corte tradicionalmente definido de 17 para a MCSDS, sugerindo a necessidade de considerar novos pontos de corte provisórios similares aos dois grupos estudados (24 e 23, respectivamente para os adolescentes dos CE e das Escolas da Comunidade).

Estes valores devem ser objecto de reavaliação com base em amostras mais numerosas e heterogéneas.

Os itens mais pontuados para os CE foram o item 7 “*Tenho sempre cuidado no modo como me visto*”, item 20 “*Sou sempre delicado(a), mesmo para as pessoas que são desagradáveis*” e item 24 “*Eu nunca deixaria que alguém fosse castigado pelos meus erros*”, o que vai ao encontro da relação encontrada por Mabe e Treiber (1989) entre pontuações elevadas na desejabilidade social e em auto-relatos de competências sociais. Os itens menos pontuados foram os itens 4 “*Nunca detestei ninguém*”, 6 “*Por vezes, fico ressentido(a) quando não consigo aquilo que quero*”, 22 “*Houve alturas em que eu insisti bastante para que as coisas fossem feitas à minha maneira*” e 23 “*Houve ocasiões em que senti vontade de partir tudo*”, o que vem corroborar igualmente dados do estudo de Mabe e Treiber (1989) em que os autores concluem que a pontuação elevada na desejabilidade social está fortemente associada a pontuações baixas nos auto-relatos de raiva. Neste contexto, parece importante a realização de estudos futuros orientados para averiguar a relação entre resultados na MCSDS e em questionários de auto-relato da raiva e questionários de auto-resposta de competências sociais.

Contrariamente à H1 e aos estudos de Kampfe et al. (2009), Kim e Hill (2003), e Fisher e Parsons (1962) que afirmam que adolescentes com comportamento anti-social obtêm pontuações superiores na MCSDS comparativamente a adolescentes não institucionalizados, a presente investigação revela que não existem diferenças estatisticamente significativas entre adolescentes de Escolas da comunidade e adolescentes internados em CE, para a desejabilidade social (MCSDS), resultado que vem corroborar a H2 e de modo particular os dados de estudos de Pervan e Hunter (2007) e Blankenship (1974).

A presente investigação sugere a existência de uma relação entre Q.I. e desejabilidade social, no sentido em que os sujeitos com Q.I. mais baixo tendem a obter pontuações mais elevadas na MCSDS, corroborando dados das investigações de Walsh et al.(1974), com o *Comprehensive Social Desirability Scale for Children* (CSDC; Walsh, Tomlinson-Keasey, e Klieger, 1974); Mabe e Treiber (1989), Crandall, (1966); e de Crandall e Katkovsky(1965), com o *Children's Social Desirability Questionnaire*

(CSD; Crandall et al., 1965). Sendo assim, a correlação com o Q.I. escala completa é estatisticamente significativa ($p = .023$; $r = -.183$), bem como o Q.I. de Realização ($p = .016$; $r = -.194$). Em suma, quanto mais baixo é o a pontuação nas provas de inteligência (Q.I.s) , maior pontuação terão os sujeitos na MCSDS, o que significa maior tendência para responderem de forma socialmente desejável. Contudo, o valor absoluto das correlações é reduzido pelo que deve ser sublinhado nestes resultados a ideia de ligeira tendência para uma relação entre inteligência mais reduzida e desejabilidade social.

Quanto ao género, não existem diferenças estatisticamente significativas nos adolescentes de Escolas da Comunidade ($p = .615$) e de CE ($p = .129$), tal como é igualmente observado nos estudos de Loo e Loewen (2004), Fraboni e Cooper (1989), Holden e Fekken (1989), e Zook e Sipp (1985).

O presente estudo mostra, à semelhança de outras pesquisas (Ribas et al., 2004; Walsh et al., 1974; Crandall, 1966; Crandall & Katkovsky, 1965), que a pontuação da MCSDS tende a baixar à medida que a idade aumenta, para o grupo populacional Escolas da Comunidade ($p = .000$). Este resultado pode ser explicado pelo facto de no início da adolescência os adolescentes estarem a passar por um período de moratória psicossocial e numa procura de valores referenciais e, por isso, tendem a responder de acordo com o que é socialmente esperado de forma a começarem a inserir-se na comunidade e ser aceites por grupos com que se identificam (cf. Erikson, 1976). Com o aumento da idade e a aproximação da idade adulta estes adolescentes passam a fazer progressivamente parte de grupos da sociedade, e por esta razão tendem a não responder de forma tão socialmente desejável pois já não buscam incessantemente a inserção em grupos como no início da adolescência. No entanto é curioso verificar que para os adolescentes de CE esta relação é inversa, ou seja, a diferença é estatisticamente significativa entre as faixas etárias 15-16 e 17-19 anos ($p = .046$), mas são os mais velhos que apresentam pontuações mais elevadas na desejabilidade social. Talvez o facto destes adolescentes estarem mais "habitados" a fazer avaliações psicológicas para o tribunal tenha influenciado os resultados, revelando uma tendência para responder de forma mais socialmente desejável. Este dado que leva a crer que os sujeitos de faixas etárias superiores revelam uma

maior noção das punições de que serão alvo se não se mostrarem ajustados às normas sociais.

No que concerne à escolaridade verifica-se que existe uma diferença estatisticamente significativa ($p = .000$) na amostra Escolas da Comunidade, entre os sujeitos que frequentam o 3º ciclo ($M = 19.41$; $DP = 4.61$) e os que frequentam o ensino secundário ($M = 16.67$; $DP = 4.42$), facto corroborado pelo estudo de Ribas et al. (2004) que apresenta uma correlação negativa entre a desejabilidade social e a escolaridade. Contudo, o mesmo não acontece para adolescentes de CE, sendo necessário reconhecer o reduzido número de sujeitos a frequentar o ensino secundário. Nos CE não existe diferença estatisticamente significativa ($p = .284$) que relacione a escolaridade e a desejabilidade social. É sim possível averiguar que estes adolescentes têm baixo rendimento em provas cognitivas (WISC-III e WAIS-III) e em tarefas escolares, o que é traduzido pelo maior número de reprovações, havendo então relação entre baixo rendimento em provas cognitivas e em tarefas escolares e o comportamento delinvente, tal como é defendido por Elliot et al. (1985).

A relação entre o NSE e a desejabilidade social para a amostra de Escolas da Comunidade, revelou que os adolescentes de NSE médio ($M = 18.60$; $DP = 4.43$) e alto ($M = 18.39$; $DP = 4.72$) pontuam mais na desejabilidade social comparativamente a adolescentes de NSE baixo ($M = 16.62$; $DP = 4.82$), apresentando uma correlação de .023. Contrariamente ao estudo de Crandall e Katkovsky (1965) que não identifica diferenças de classes sociais para a desejabilidade social, bem como do estudo de Ribas et al. (2004) que aponta para uma relação inversa (quanto maior o NSE, menor a desejabilidade social). A diferença do presente estudo é estatisticamente significativa, e, apesar de não existir estudos que permitam fundamentar melhor estas interpretações, pode sugerir que adolescentes de estrato social mais elevado têm, provavelmente, mais consciência daquilo que é “socialmente correcto”, e expectativas mais elevadas de maior ajustamento social. Esta comparação não foi averiguada para a amostra CE porque o número de sujeitos de NSE médio e elevado é demasiado reduzido.

O tipo de regime ($p = .936$), as medidas aplicadas anteriormente à medida actual ($p = .994$), e o consumo de substâncias ($p = .232$), parecem ser variáveis que não influenciam as pontuações de desejabilidade social

(MCSDS). Estes dados contrariam os resultados do estudo de Crutzen e Göritz (2010) com adolescentes, que apresenta uma relação positiva entre consumo de drogas duras e desejabilidade social. No entanto, à semelhança do estudo de Crutzen e Göritz, a presente investigação não apresenta relação entre desejabilidade social (MCSDS) e consumo de drogas leves ou álcool.

VI - Conclusões

Um dos objectivos centrais deste estudo foi averiguar a eventual existência de diferenças estatisticamente significativas no construto da desejabilidade social (medido através da MCSDS) entre adolescentes inseridos em Escolas da Comunidade e adolescentes internados em Centros Educativos por medidas tutelares educativas. O presente estudo permite concluir que não existem diferenças a este nível o que leva a concluir que ambos os grupos manifestam uma tendência similar para dar respostas socialmente desejáveis.

Ambos os grupos (CE e Escolas da Comunidade) pontuam acima do ponto de corte tradicionalmente definido para a MCSDS, sugerindo a necessidade de considerar novos pontos de corte provisórios.

Por sua vez, os resultados em provas cognitivas estão significativamente relacionados com a desejabilidade social, ou seja, quanto mais baixo é o desempenho em provas cognitivas maior é a tendência de responder de forma socialmente desejável. Esta tendência muito ligeira sugere alguma necessidade de aceitação social por parte destes sujeitos pela sociedade.

É também de notar uma diminuição da necessidade de aceitação social com o acréscimo da idade, para adolescentes de Escolas da Comunidade, dado que vai ao encontro da investigação recenseada, sugerindo que quanto mais estes adolescentes se vão inserindo na sociedade e interiorizando os seus referenciais sociais e grupais menos necessidade apresentam para responder de forma socialmente desejável. No entanto, e contrariando dados da investigação disponível, para os adolescentes de CE, esta tendência de responder de forma socialmente mais desejável aumenta no fim da adolescência, o que leva a ponderar maior probabilidade para um possível enviesamento dos resultados nas avaliações feitas pelas instituições a pedido do tribunal, situações estas em que o jovem tenta dar uma imagem positiva de si próprio para não ver a sua medida institucional agravada.

Também a escolaridade parece ter um impacto significativo na desejabilidade social: adolescentes com maior escolaridade apresentam menor tendência para responder de forma mais socialmente desejável, o que confere uma relação com a idade e com o desempenho escolar tal como é corroborado pela literatura.

Este estudo apresenta a limitação de não apresentar nenhuma outra medida adicional de desejabilidade social a fim de corroborar a tendência de respostas socialmente desejáveis.

Por outro lado, esta investigação apresenta algumas vantagens, como a validação da MCSDS num grupo especial de delinquentes institucionalizados permitindo um melhor controlo da desejabilidade social em avaliações psicológicas com adolescentes institucionalizados, bem como um melhor conhecimento da relação entre desejabilidade social com o Q.I. e variáveis sócio-demográficas.

Como proposta final, parece relevante sugerir o interesse na implementação de um estudo longitudinal com o objectivo de corroborar, com os mesmos adolescentes, a consistência das variáveis que revelaram mais impacto no presente estudo. Parece-nos relevante a realização de estudos futuros que avaliem o mesmo construto em populações institucionalizadas em idade adulta (e.g. sujeitos de estabelecimentos prisionais), a fim de perceber a relação com a idade, e com a possível influência das avaliações forenses periódicas no construto da desejabilidade social. Haverá igualmente necessidade de redefinir no futuro, com base no recurso a amostras mais numerosas e representativas, pontos de corte específicos para a *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale*, viabilizando assim o uso mais rigoroso desta medida em protocolos de avaliação psicológica assim mais válidos.

Bibliografia

- Allport, G. W. (1973). *Personalidade: padrões e desenvolvimento*. São Paulo: EPU, Edição da Universidade de São Paulo.
- American Psychiatric Association (2002). *DSM-IV-TR: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (4ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Assadi, S. M., Noroozian, M., Pakravanejad, M., Yahyazadeh, O., Aghayan, S., Shariat, S. V., & Fazel, S. (2006). Psychiatric morbidity among sentenced prisoners: Prevalence study in Iran. *The British Journal of Psychiatry*, 188, 159-164.
- Ballard, R. (1992). Short forms of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Psychological Reports*, 71, 1155-1160.
- Barger, S. D. (2002). The Marlowe-Crowne Affair: Short forms, Psychometric structure, and social desirability. *Journal of Personality Assessment*, 79(2), 286-305.
- Barros, R., Moreira, P., & Oliveira, B. (2005). Influência da desejabilidade social na estimativa da ingestão alimentar obtida através de um questionário de frequência de consumo alimentar. *Acta Médica Portuguesa*, 18(1), 241-248.
- Bernardi, R. A. (2006). Associations between Hofstede's cultural constructs and social desirability response bias. *Journal of Business Ethics*, 65, 43-53.
- Bishop, G. F. (1987). Experiments with the middle response alternative in survey questions. *Public Opinion Quarterly*, 51, 220-232.
- Blankenship, D. G. (1974). Social desirability and delinquent behaviour in adolescent females. *The Journal of Genetic Psychology*, 124(2), 335-336.
- Born, M. (2005). *Psicologia da delinquência*. Lisboa: Climepsi Editores. 56-88.
- Chapman, A. L., & Cellucci, T. (2007). The role of antisocial and borderline personality features in substance dependence among incarcerated females. *Addictive Behaviours*, 32(6), 1131-1145.
- Cortoni, F., & Marshall, W. L. (2001). Sex as a coping strategy and its relationship to juvenile sexual history and intimacy in sexual offenders. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment*, 13, 27-43.
- Costa, J., & Valerio, N. (2008). Transtorno de personalidade anti-social e transtornos por uso de substâncias: Caracterização, comorbidades e desafios ao tratamento. *Temas em Psicologia*, 16(1), 119-132.
- Crandall, V. C. (1966). Personality characteristics and social and achievement behaviors associated with children's social desirability response tendencies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4(5), 477-486.
- Crandall, V. C., Crandall, V. J., & Katkovsky, W. (1965). A Children's Social **Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS): Estudo de validação numa amostra de adolescentes institucionalizados com comportamentos anti-sociais**
 Maria João Silvestre (e-mail: mariajoaosilvestre@hotmail.com) 2011

- Desirability Questionnaire. *Journal of Consulting Psychology*, 29(1), 27-36.
- Crowne, D. P., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24, 349-354.
- Crutzen, R. & Göritz A.S. (2010). Social desirability and self-reported health risk behaviors in web-based research: Three longitudinal studies. *BMC Public Health*, 10, 720.
- Dembo, R., Jainchill, N., Turner, C., Fong, C., Farkas, S., & Childs, K., (2007). Level of psychopathy and its correlates: A study of incarcerated youths in three states. *Behavioral Sciences & the Law*, 25(5), 717-738.
- Direcção Geral da Política da Justiça (2006). *Estatísticas do Ministério da Justiça 2006*. Recuperado de <http://www.dgpj.mj.pt/sections/estatisticas-da-justica/informacao-estatistica/estatisticas-dos/caracterizacao-de/anexos3038/penal>.
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi.
- Elliot, D. S. & Huizinga, D., & Ageton, S. S. (1985). *Explaining delinquency and drugs use*. Beverly Hills: Sage.
- Elliot, D. S. & Huizinga, D. (1980). Reconciling race and class difference in self-reported and official estimates of delinquency. *American Sociological Review*, 45, 95-110.
- Elonheimo, H., Niemela, S., Parkkola, K., Multimaki, P., Helenius, H., Nuutila, A. M., & Sourander, A. (2007). Policeregistered offenses and psychiatric disorders among young males: The Finnish from a boy to a man birth cohort study. *Social Psychiatric and Psychiatric Epidemiology*, 42(6), 477-484.
- Erikson, E. H. (1959). Identity and the life cycle. *Psychological Issues*, 1, 1-71.
- Erikson, E. H. (1976). *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Fabrigar, L. R., & Krosnick, J. A. (1995). Attitude measurement and questionnaire design. In A.S.R. Manstead & M. Hewstone (Eds.), *The Blackwell Encyclopedia of Social Psychology* (pp.42-47). Massachusetts: Blackwell Publishers.
- Farrington, D. P. (1998). Predictors, causes and correlates of male youth violence. In M. Torny & M. H. Moore (Eds.), *Youth Violence* (pp. 421-475). Chicago, university of Chicago Press.
- Farrington, D. P. & Loeber, R. (2000). Epidemiology of juvenile violence. *Child and Adolescent Psychiatry Clinics of North America*, 4(9), 733-748.
- Farrington, D. P. & Loeber, R. (2001). The concentration of offenders in families, and family criminality in the prediction of boys delinquency. *Journal of*

- Adolescence*, 24(5), 579-596.
- Fisher, D. G. & Fick, C. (1993). Measuring social desirability: short forms of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Educational and Psychological Measurement*, 53, 417-424.
- Fisher, M. & Parsons, T. H. (1962). The performance of male prisoners on the Marlowe-Crowne social desirability scale. *Journal of Clinical Psychology*, 18(2), 140-141.
- Fréchette, M. & Leblanc, M. (1987). *Délinquances et délinquants*. Montréal, Gaëtan Morin.
- Fraboni, M., & Cooper, D. (1989). Further validation of three short forms of the Marlowe-Crowne Scale of Social Desirability. *Psychological Reports*, 65, 595-600.
- Gawronski B., Lebel E. P., & Peters K. R. (2007). What do implicit measures tell us? Scrutinizing the validity of three common assumptions. *Perspectives on Psychological Science*, 2(2), 181-193.
- Gorman-Smith, D., & Loeber, R. (2005). Are developmental pathways in disruptive behaviors the same for girls and boys?. *Journal of Child and Family Studies*, 14, 14-27.
- Holden, R. R., & Fekken, G. C. (1989). Three common social desirability scales: Friends, acquaintances, or strangers?. *Journal of Research in Personality*, 23, 180-191.
- Hussong, A. M., & Hicks, R. E. (2003). Affect and peer context interactively impact adolescent substance use. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31(4), 413-426.
- Jago, R., Baranowski, T., Baranowski, J. C., Cullen, K. W., & Thompson, D. I. (2007). Social desirability is associated with some physical activity, psychosocial variables and sedentary behavior but not self-reported physical activity among adolescent males. *Health Education Research*, 22(3), 438-449.
- Lei n.º166/99, de 14 de Setembro. Lei Tutelar Educativa.
- Leite, W. & Beretvas, S. N. (2005). Validation of scores on the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale and the Balanced Inventory of Desirable Responding. *Educational and Psychological Measurement*, 65, 140-154.
- Li A., & Bagger J. (2007). The Balanced Inventory of Desirable Responding (BIDR): A reliability generalization study. *Educational and Psychological Measurement*, 67(3), 525-544.
- Lipsey, M. D. & Derzon, J. H. (1998). Predictors of violent or serious delinquency in adolescence and early adulthood: A synthesis of longitudinal research. In

- R. Loeber & D. P. Farrington (Eds), *Serious and violent juvenile offenders: Risk factors and successful interventions* (pp. 86-105). Thousand Oaks, CA, Sage.
- Lynam, D., Moffitt, T. E., Stouthamer-Loeber, M. (1993). Explaining the relation between IQ and delinquency: Class, race, test, motivation, school failure or self-control? *Journal of Abnormal Psychology, 102*(2), 187-196.
- Loo, R., & Loewen, P. (2004). Confirmatory factor analyses of scores from full and short versions of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Journal of Applied Social Psychology, 34*(11), 2343-2352.
- Loo, R., & Thorpe, K. (2000). Confirmatory factor analyses of the full and short versions of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Journal of Social Psychology, 140*, 628-35.
- Mabe, P. A., & Treiber, F. A. (March, 1989). Social desirability response tendencies in psychiatric inpatient children. *Journal of Clinical Psychology, 45*(2), 194-201.
- MacEwan, T. E., Davis, M. R., MacKenzie, R., & Mullen, P. E. (2009). The effects of social desirability response bias on STAXI-2 profiles in a clinical forensic sample. *British Journal of Clinical Psychology, 48*(6), 431-436.
- McCrae, R. & Costa, P. (1983). Social desirability scales: More substance than style. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 51*, 882-888.
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy. *Psychological Review, 100*(4), 674-701.
- Morana H. C. P., Stone M. H., & Abdalla F. E. (2006). Transtornos de personalidade, psicopatia e *serial killers*. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 28*, 74-79.
- Nederhof, A. J. (1985). Methods of coping with social desirability bias: A review. *European Journal of Social Psychology, 15*, 263-280.
- Negreiros, J. (2008). *Delinquências juvenis – trajetórias, intervenção e prevenção*. Porto: Livpsic.
- Nolder, M. E. (1990). Explorations of the defense mechanism inventory: Relationships to self-deception, Anxiety, and intelligence. Dissertação Electrónica.
- Nicholson, R. & Hogan, R. (1990). The construct validity of social desirability. *American Psychologist, 45*, 290-292.
- Oliveira, J. B. (2004). Desejabilidade social: Um construto de difícil avaliação. *Psicologica, 35*, 333-247.
- Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. A., & Hutz, C. S. (2005). Estabilidade do comportamento anti-social na transição da infância para a

- adolescência: Uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (1), 55-61.
- Patterson, G. R., Reid, J. B. & Dishion, T. J. (1992). *Antisocial boys*. Eugene: Castalia.
- Paulhus, D. L. (1984). Two-component model of socially desirable responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 598-609.
- Paulhus, D. (1991). Measurement and control of response bias. In J. P. Shaver & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 17-60). San Diego, CA: Academic Press.
- Paulhus, D. L., & Reid, D. B. (1991). Enhancement and denial in socially desirable responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 307-317.
- Perkins, D. F., & Borden, L. M. (2003). Positive behaviors, problem behaviors, and resiliency in adolescence. In R. M. Lerner, M. A. Easterbrooks, & J. Mistry (Eds.), *Handbook of psychology: Developmental psychology* (Vol. 6; pp. 373-394). New York: Wiley.
- Pervan, S. & Hunter, M. (2007). Cognitive distortions and social self-esteem in sexual offenders. *Applied Psychology in Criminal Justice*, 3(1), 75-91.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS (4ª ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Póinhos, R., Correia, F., Faneca, M., Ferreira, J., Gonçalves, C., Pinhão, S. & Medina, J. L. (2008). Desejabilidade social e barreiras ao cumprimento da terapêutica dietética em mulheres com excesso de peso. *Acta Médica Portuguesa*, 21(3), 221-228.
- Preti, A. & Miotto, P. (2011). Self-deception, social desirability and psychopathology. *Behavioral and brain sciences*, 34(1), 37.
- Reynolds, W. M. (1982). Development of reliable and valid short forms of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Journal of Clinical Psychology* 38,119-25.
- Ribas Jr., R. C., Moura, M. L. S. & Hutz, C. S. (2004). Adaptação brasileira da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. *Avaliação Psicológica*, 3, 83-92.
- Richman, W. L., Kiesler, S., Weisband, S., & Drasgow, F. (1999). A meta-analytic study of social desirability distortion in computer-administered questionnaires, traditional questionnaires, and interviews. *Journal of Applied Psychology*, 84, 754-775.
- Rudmin, F. W. (1999). Norwegian short-form of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Scandinavian Journal of Psychology*, 40(3), 229-233.
- Seol, H. (2007). A psychometric investigation of the Marlowe-Crowne social desirability scale using Rasch. *Measurement and evaluation in counseling*

- and development*, 40(4), 155.
- Scagliusi, F. B., Cordás, T. A., Polacow, V. O., Coelho, D., Alvarenga, M., Philippi, S. T., & Lancha Jr, A. H. (2004). Tradução da escala de desejo de aceitação social de Marlowe & Crowne para a língua portuguesa. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 31(6), 272-278.
- Schmitt M. J. & Steyer, R. (1993). A latent state-trait model (not only) for social desirability. *Personality and Individual Differences*, 14(4), 519-529.
- Simões, M. R. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (MPCR)* (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade de Coimbra.
- Simões, M. R., Almiro, P., Lucas, S., & Sousa, L. B. (2010). *Marlow-Crowne Social Desirability Scale: Versão portuguesa adaptada*. Coimbra: Serviço de Avaliação Psicológica, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Stöber, J. (2001). The Social Desirability Scale-17 (SDS-17): Convergent validity, discriminant validity, and relationship with age. *European Journal of Psychological Assessment*, 17(3), 222-232.
- Strahan, R. & Gerbasi, K. C. (1972). Short, homogeneous versions of the Marlowe-Crowne Social Desirability scale. *Journal of Clinical Psychology*, 28, 191-193.
- Tanaka-Matsumi, J. & Kameoka, V. A. (1986). Reliabilities and concurrent validities of popular self-report measures of depression, anxiety, and social desirability. *Journal Consulting Clinical Psychology*, 54, 328-33.
- Thornberry, T. P. (Ed.). (1997). Introduction: Some advantages of developmental and life-course perspectives for the study of crime and delinquency. *Development theories of crime and delinquency*, 7, 1-10.
- Triandis, H. C. & Suh, E. M. (2002). Cultural influences of personality. *Annual Review of Psychology*, 53, 133-160.
- Yang, M. & Coid, J. (2007). Gender differences in psychiatric morbidity and violent behavior among a household population in a Great Britain. *Social Psychiatric and Psychiatric Epidemiology*, 42(8), 599-605.
- Walsh, A. (1990). Comment on social desirability. *American Psychologist*, 45, 289-290.
- Walsh, J. A., Tomlinson-Keasey, C., & Klieger, D. M. (1974). Acquisition of the social desirability response. *Genetic Psychology Monographs*, 89(2), 241-272.
- Underwood, M. K. (2004). *Gender and peer relation: are the two gender cultures really that different?* In J. B. Kupersmidt, & A. D. Dodge (Eds.),

- Children's peer relations: From development to intervention (pp. 21-32).
Washington DC: American Psychological Association.
- Zerbe, W. J. & Paulhus D. L. (1987). Socially desirable responding in organizational behavior: a reconception. *The Academic Management Review*, 12(2), 250-264.
- Zook, A. & Sippes, G. J. (1985). Cross-validation of a short form of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Journal of Clinical Psychopathology*, 41, 236-238.

Anexos

Anexo A - MCSDS*Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (versão traduzida)*

Em seguida, encontra uma série de afirmações que se referem aos traços e atitudes pessoais. Leia cada uma delas e decida se essa afirmação é, para si, VERDADEIRA (V) ou FALSA (F), fazendo uma cruz em cima da letra à direita que melhor corresponde ao que pensa de si. (Dentro dos parênteses, encontra-se a pontuação correspondente a cada alternativa. Os números não constam aquando da aplicação do questionário).

1. Antes de votar, procuro saber as competências de todos os candidatos.
(0) Falso (1) Verdadeiro
2. Nunca hesito em esforçar-me ao máximo para ajudar alguém que esteja a precisar.
(0) Falso (1) Verdadeiro
3. Às vezes é difícil para mim continuar a fazer o meu trabalho se não for encorajado(a).
(1) Falso (0) Verdadeiro
4. Nunca detestei ninguém.
(0) Falso (1) Verdadeiro
5. Houve alturas em que tive dúvidas sobre minha capacidade para vencer na vida.
(1) Falso (0) Verdadeiro
6. Por vezes, fico ressentido(a) quando não consigo aquilo que quero.
(1) Falso (0) Verdadeiro
7. Tenho sempre cuidado no modo como me visto.
(0) Falso (1) Verdadeiro
8. O meu comportamento á mesa é igualmente adequado quer esteja em casa, quer esteja num restaurante.
(0) Falso (1) Verdadeiro
9. Seu eu pudesse entrar num cinema sem pagar com a certeza de que não seria detectado(a), provavelmente era isso que eu faria.
(1) Falso (0) Verdadeiro
10. Em algumas ocasiões, desisti de fazer determinadas coisas por pensar que não era capaz.
(1) Falso (0) Verdadeiro
11. De vez em quando gosto de falar da vida dos outros.
(1) Falso (0) Verdadeiro
12. Houve ocasiões em que senti vontade de me revoltar contra pessoas com mais autoridade, apesar de saber que elas estavam certas.
(1) Falso (0) Verdadeiro
13. Ouço sempre com atenção os outros, independentemente da pessoa com quem estou a falar.
(0) Falso (1) Verdadeiro
14. Lembro-me de fingir estar doente para me livrar de fazer alguma coisa que não queria.
(1) Falso (0) Verdadeiro

15. Houve ocasiões em que me aproveitei de alguém.
(1) Falso (0) Verdadeiro
16. Estou sempre disposto(a) a admitir os erros que cometo.
(0) Falso (1) Verdadeiro
17. O que digo aos outros para fazer é o que eu também faço.
(0) Falso (1) Verdadeiro
18. Eu não sinto particular dificuldade em lidar com pessoas barulhentas e desagradáveis.
(0) Falso (1) Verdadeiro
19. Por vezes tento vingar-me, em vez de perdoar e esquecer.
(1) Falso (0) Verdadeiro
20. Quando não sei alguma coisa, não me importo nada de o admitir.
(0) Falso (1) Verdadeiro
21. Sou sempre delicado(a), mesmo para as pessoas que são desagradáveis.
(0) Falso (1) Verdadeiro
22. Houve alturas em que eu insisti bastante para que as coisas fossem feitas à minha maneira.
(1) Falso (0) Verdadeiro
23. Houve ocasiões em que senti vontade de partir tudo.
(1) Falso (0) Verdadeiro
24. Eu nunca deixaria que alguém fosse castigado pelos meus erros.
(0) Falso (1) Verdadeiro
25. Nunca fico ressentido(a) por me pedirem um favor de volta.
(0) Falso (1) Verdadeiro
26. Nunca me irritei quando as pessoas expressaram ideias muito diferentes das minhas.
(0) Falso (1) Verdadeiro
27. Eu nunca saio de casa para um passeio longo sem verificar se o gás está desligado.
(0) Falso (1) Verdadeiro
28. Houve alturas em que tive bastante inveja da boa sorte dos outros.
(1) Falso (0) Verdadeiro
29. Eu quase nunca senti necessidade de repreender alguém.
(0) Falso (1) Verdadeiro
30. Por vezes, fico irritado(a) com as pessoas que me pedem favores.
(1) Falso (0) Verdadeiro
31. Nunca senti que tenha sido castigado(a) sem razão.
(0) Falso (1) Verdadeiro
32. Às vezes penso que quando as pessoas são azaradas é porque têm aquilo que merecem.
(1) Falso (0) Verdadeiro
33. Nunca disse nada de propósito para magoar os sentimentos de outra pessoa.
(0) Falso (1) Verdadeiro

Anexo B – Estatísticas descritivas: itens do Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960)

Tabela 4. Grupo CE: Estatísticas descritivas dos itens da MCSDS

Item	N	Min-Máx.	Média	Desvio-Padrão	Assimetria	Curtose
Item 1	153	0-1	0.80	0.40	-1.49	0.24
Item 2	153	0-1	0.63	0.49	-0.53	-1.74
Item 3	153	0-1	0.58	0.50	-0.34	-1.91
Item 4	153	0-1	0.22	0.42	1.35	-0.18
Item 5	153	0-1	0.42	0.50	0.31	-1.93
Item 6	153	0-1	0.22	0.42	1.35	-0.18
Item 7	153	0-1	0.88	0.32	-2.40	3.80
Item 8	153	0-1	0.85	0.36	-1.98	1.93
Item 9	153	0-1	0.50	0.50	0.01	-2.03
Item 10	153	0-1	0.44	0.50	0.23	-1.98
Item 11	153	0-1	0.80	0.40	-1.55	0.40
Item 12	153	0-1	0.37	0.48	0.56	-1.70
Item 13	153	0-1	0.77	0.42	-1.30	-0.30
Item 14	153	0-1	0.58	0.50	-0.34	-1.91
Item 15	153	0-1	0.62	0.49	-0.50	-1.77
Item 16	153	0-1	0.75	0.44	-1.14	-0.72
Item 17	153	0-1	0.42	0.50	0.34	-1.91
Item 18	153	0-1	0.58	0.50	-0.34	-1.91
Item 19	153	0-1	0.48	0.50	0.09	-2.02
Item 20	153	0-1	0.86	0.35	-2.05	2.23
Item 21	153	0-1	0.48	0.50	0.07	-2.02
Item 22	153	0-1	0.21	0.41	1.44	0.09
Item 23	153	0-1	0.22	0.41	1.40	-0.05
Item 24	153	0-1	0.86	0.35	-2.05	2.23
Item 25	153	0-1	0.76	0.43	-1.26	-0.42
Item 26	153	0-1	0.52	0.50	-0.07	-2.02
Item 27	153	0-1	0.38	0.49	0.50	-1.77
Item 28	153	0-1	0.66	0.48	-0.68	-1.55
Item 29	153	0-1	0.38	0.49	0.50	-1.77
Item 30	153	0-1	0.78	0.42	-1.35	-0.18
Item 31	153	0-1	0.32	0.47	0.78	-1.41
Item 32	153	0-1	0.66	0.48	-0.68	-1.55
Item 33	153	0-1	0.55	0.50	-0.20	-1.99
Total	153	3-30	18.55	5.00	-0.15	-0.15

Tabela 5. Grupo Escolas: Estatísticas descritivas dos itens da MCSDS

Item	N	Min-Máx.	Média	Desvio-Padrão	Assimetria	Curtose
Item 1	218	0-1	0.86	0.35	-2.12	2.51
Item 2	218	0-1	0.88	0.33	-2.30	3.32
Item 3	218	0-1	0.42	0.50	0.32	-1.92
Item 4	218	0-1	0.28	0.45	0.96	-1.08
Item 5	218	0-1	0.44	0.50	0.26	-1.95
Item 6	218	0-1	0.18	0.39	1.65	0.72
Item 7	218	0-1	0.77	0.42	-1.30	-0.32
Item 8	218	0-1	0.78	0.42	-1.33	-0.24
Item 9	218	0-1	0.41	0.49	0.36	-1.89
Item 10	218	0-1	0.52	0.50	-0.09	-2.01
Item 11	218	0-1	0.47	0.50	0.13	-2.00
Item 12	218	0-1	0.41	0.49	0.36	-1.89
Item 13	218	0-1	0.66	0.48	-0.66	-1.58
Item 14	218	0-1	0.57	0.50	-0.28	-1.94
Item 15	218	0-1	0.68	0.47	-0.79	-1.38
Item 16	218	0-1	0.80	0.40	-1.53	0.35
Item 17	218	0-1	0.53	0.50	-0.13	-2.00
Item 18	218	0-1	0.56	0.50	-0.26	-1.95
Item 19	218	0-1	0.52	0.50	-0.09	-2.01
Item 20	218	0-1	0.82	0.39	-1.65	0.72
Item 21	218	0-1	0.47	0.50	0.13	-2.00
Item 22	218	0-1	0.19	0.39	1.61	0.59
Item 23	218	0-1	0.21	0.41	1.46	0.14
Item 24	218	0-1	0.82	0.39	-1.65	0.72
Item 25	218	0-1	0.81	0.40	-1.57	0.47
Item 26	218	0-1	0.65	0.48	-0.62	-1.63
Item 27	218	0-1	0.25	0.44	1.15	-0.69
Item 28	218	0-1	0.36	0.48	0.60	-1.66
Item 29	218	0-1	0.50	0.50	-0.02	-2.02
Item 30	218	0-1	0.61	0.49	-0.48	-1.79
Item 31	218	0-1	0.30	0.46	0.87	-1.26
Item 32	218	0-1	0.56	0.50	-0.22	-1.97
Item 33	218	0-1	0.65	0.48	-0.62	-1.63
Total	218	2-31	17.94	4.70	0.11	0.32

Anexo C – Características psicométricas do Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960)

Tabela 6. Valores de média e desvio-padrão dos itens da MCSDS

Item	CE		Escolas	
	Média	DP	Média	DP
MCSDS 1	.80	.40	.86	.35
MCSDS 2	.63	.49	.88	.33
MCSDS 3	.58	.50	.42	.50
MCSDS 4	.22	.42	.28	.45
MCSDS 5	.42	.50	.44	.50
MCSDS 6	.22	.42	.18	.39
MCSDS 7	.88	.32	.77	.42
MCSDS 8	.85	.36	.78	.42
MCSDS 9	.50	.50	.41	.50
MCSDS 10	.44	.50	.52	.50
MCSDS 11	.80	.40	.47	.50
MCSDS 12	.37	.48	.41	.49
MCSDS 13	.77	.42	.66	.48
MCSDS 14	.58	.50	.57	.50
MCSDS 15	.62	.49	.68	.47
MCSDS 16	.75	.44	.80	.40
MCSDS 17	.42	.50	.53	.50
MCSDS 18	.58	.50	.56	.50
MCSDS 19	.48	.50	.52	.50
MCSDS 20	.86	.35	.82	.39
MCSDS 21	.48	.50	.47	.50
MCSDS 22	.21	.40	.19	.39
MCSDS 23	.22	.41	.21	.40
MCSDS 24	.86	.35	.82	.39
MCSDS 25	.76	.43	.81	.40
MCSDS 26	.52	.50	.65	.48
MCSDS 27	.38	.49	.25	.44
MCSDS 28	.66	.48	.36	.48
MCSDS 29	.38	.49	.50	.50
MCSDS 30	.78	.42	.61	.49
MCSDS 31	.32	.47	.30	.46
MCSDS 32	.66	.48	.56	.50
MCSDS 33	.55	.50	.65	.48

Tabela 7. Valores de correlação Item-escala total e de alfa se o item for eliminado

Item	CE		Escolas	
	Correlação item-total	Alfa de Cronbach se item eliminado	Correlação item-total	Alfa de Cronbach se item eliminado
MCSDS 1	.05	.75	.17	.71
MCSDS 2	.06	.75	.11	.71
MCSDS 3	.30	.74	.16	.71
MCSDS 4	.29	.74	.25	.70
MCSDS 5	.13	.75	.05	.72
MCSDS 6	.29	.74	.19	.71
MCSDS 7	-.01	.75	.07	.71
MCSDS 8	.41	.73	.04	.72
MCSDS 9	.34	.74	.25	.70
MCSDS 10	.32	.74	.28	.70
MCSDS 11	.33	.74	.37	.69
MCSDS 12	.41	.73	.37	.69
MCSDS 13	.37	.74	.34	.70
MCSDS 14	.30	.74	.31	.70
MCSDS 15	.53	.73	.29	.70
MCSDS 16	.31	.74	.27	.70
MCSDS 17	.16	.75	.12	.71
MCSDS 18	-.04	.76	-.01	.72
MCSDS 19	.40	.73	.30	.70
MCSDS 20	.21	.74	.26	.70
MCSDS 21	.28	.74	.37	.70
MCSDS 22	.25	.74	.26	.70
MCSDS 23	.31	.74	.40	.69
MCSDS 24	.26	.74	.12	.71
MCSDS 25	.19	.74	.22	.71
MCSDS 26	.26	.74	.36	.70
MCSDS 27	.14	.75	-.02	.72
MCSDS 28	.37	.73	.30	.70
MCSDS 29	.20	.74	.22	.71
MCSDS 30	.36	.74	.31	.70
MCSDS 31	.14	.75	.23	.70
MCSDS 32	.06	.75	.11	.71
MCSDS 33	.24	.74	.26	.70

Tabela 8. Critério KMO e Teste de esfericidade de Bartlett's

Variável	KMO	Esfericidade
MCSDS (CE)	.65	932.87 528/ $p = .000$
MCSDS (Escolas)	.65	1016.59 528/ $p = .000$

Gráfico 1. Grupo Escolas: Scree Plot da AFE do MCSDS

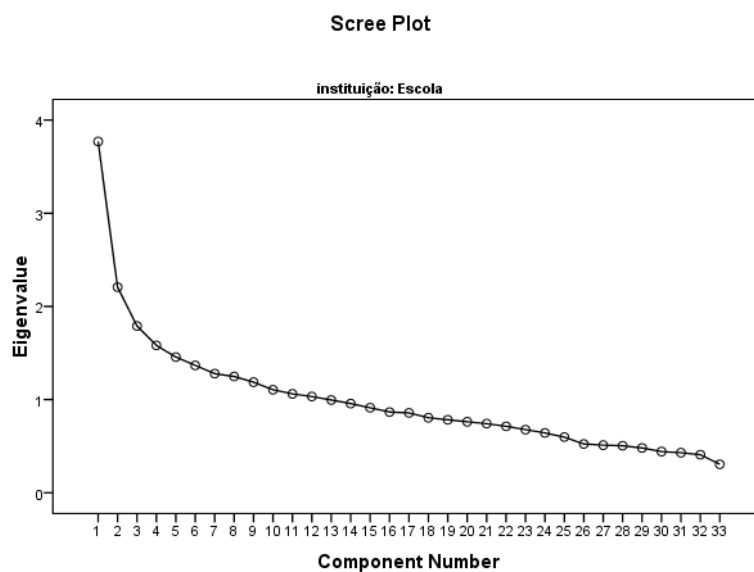


Gráfico 2. Grupo CE: Scree Plot da AFE do MCSDS

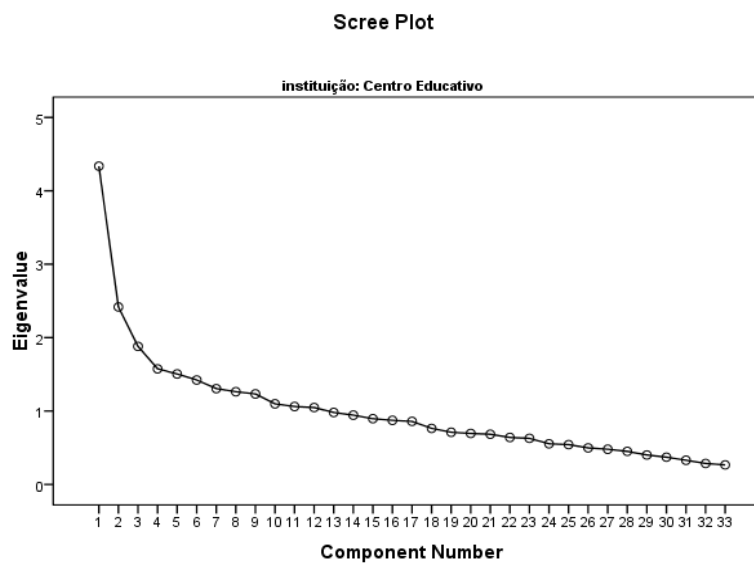


Tabela 10. Grupo Escolas: Itens que integram o factor 1

Item	Saturação
MCSDS 23 – Houve ocasiões em que senti vontade de partir tudo	.50
MCSDS 12 – Houve alturas em que senti vontade de me revoltar contra pessoas com mais autoridade, apesar de saber que elas estavam certas	.50
MCSDS 21 – Sou sempre delicado(a) mesmo para as pessoas que são desagradáveis	.50
MCSDS 11 – De vez em quando gosto de falar da vida dos outros	.49
MCSDS 15 – Houve ocasiões em que me aproveitei de alguém	.47
MCSDS 13 – Ouço sempre com atenção os outros, independentemente da pessoa com quem estou a falar	.46
MCSDS 14 – Lembro-me de fingir estar doente para me livrar de fazer alguma coisa que não queria	.45
MCSDS 26 – Nunca me irritei quando as pessoas expressaram ideias muito diferentes das minhas	.43
MCSDS 19 – Por vezes, tento vingar-me, em vez de perdoar e esquecer	.42
MCSDS 28 – Houve alturas em que tive bastante inveja da boa sorte dos outros	.40
MCSDS 16 – Estou sempre disposto(a) a admitir os erros que cometo	.38
MCSDS 33 – Nunca disse nada de propósito para magoar os sentimentos de outra pessoa	.37
MCSDS 22 – Houve alturas em que eu insisti bastante para que as coisas fossem feitas à minha maneira	.36
MCSDS 20 – Quando não sei alguma coisa, não me importo nada de o admitir	.38
MCSDS 10 - Em algumas ocasiões, desisti de fazer determinadas coisas por pensar que não era capaz	.32
MCSDS 9 - Se eu pudesse entrar num cinema sem pagar com a certeza de que não seria detectado(a), provavelmente era isso que eu faria	.40
MCSDS 30 - Por vezes fico irritado(a) com as pessoas que me pedem favores	.41
MCSDS 31 – Nunca senti que tenha sido castigado sem razão	.34
MCSDS 4 – Nunca detestei ninguém	.33

Tabela 11. Grupo CE: Itens que integram o factor 1

Item	Saturação
MCSDS 15 – Houve ocasiões em que me aproveitei de alguém	.67
MCSDS 12 – Houve alturas em que senti vontade de me revoltar contra pessoas com mais autoridade, apesar de saber que elas estavam certas	.56
MCSDS 19 – Por vezes, tento vingar-me, em vez de perdoar e esquecer	.52
MCSDS 8 – O meu comportamento à mesa é igualmente adequado quer esteja em casa, quer esteja num restaurante.	.50
MCSDS 28 – Houve alturas em que tive bastante inveja da boa sorte dos outros	.50
MCSDS 3 – Às vezes, é difícil para mim continuar a fazer o meu trabalho se não for encorajado(a)	.45
MCSDS 9 – Se eu pudesse entrar num cinema sem pagar com a certeza de que não seria detectado(a), provavelmente era isso que eu faria	.44
MCSDS 11 – De vez em quando gosto de falar da vida dos outros	.44
MCSDS 30 – Por vezes fico irritado(a) com as pessoas que me pedem favores	.44
MCSDS 23 – Houve ocasiões em que senti vontade de partir tudo	.42
MCSDS 13 – Ouço sempre com atenção os outros, independentemente da pessoa com quem estou a falar	.40
MCSDS 16 – Estou sempre disposto(a) a admitir os erros que cometo	.37
MCSDS 10 – Em algumas ocasiões, desisti de fazer determinadas coisas por pensar que não era capaz	.46
MCSDS 4 – Nunca detestei ninguém	.37
MCSDS 24 – Eu nunca deixaria que alguém fosse castigado pelos meus erros	.33
MCSDS 21 – Sou sempre delicado(a) mesmo para as pessoas que são desagradáveis	.32
MCSDS 22 – Houve alturas em que eu insisti bastante para que as coisas fossem feitas à minha maneira	.40
MCSDS 14 – Lembro-me de fingir estar doente para me livrar de fazer alguma coisa que não queria	.37
MCSDS 6 – Por vezes, fico ressentido(a) quando não consigo aquilo que quero	.40

Anexo D – Resultados Testes-t e ANOVAs para as variáveis sócio-demográficas

Tabela 16. Resultados Teste t para a variável instituição

Variável	População	N	M	DP	t (314)	P
MCSDS total	CE	153	18.55	5.00	-1.19	.234
	Escolas	218	17.94	4.70		

Tabela 17. Grupo Escolas: Resultados Teste t para a variável género

Variável	Género	N	M	DP	t (216)	P
MCSDS total	Masculino	118	17.79	4.03	-0.50	.615
	Feminino	100	18.11	5.40		

Tabela 18. Grupo CE: Resultados Teste Kruskal-Wallis para a variável género

Variável	Género	N	M	X ² (1)	P
MCSDS total	Masculino	118	75.41	2.31	.129
	Feminino	100	95.63		

Tabela 19. Resultados teste t (instituição: género masculino)

Variável	Instituição	N	M	DP	t (257)	P
MCSDS total	CE	141	18.33	4.78	-9.81	.327
	Escolas	118	17.79	4.03		

Tabela 20. Resultados Teste Kruskal-Wallis (instituição: género feminino)

Variável	Instituição	N	M	X ² (1)	P
MCSDS total	CE	12	69.67	2.22	.138
	Escolas	100	54.92		

Tabela 21. Grupo Escolas: Resultados ANOVAs para a variável idade

Variável	Idade (faixa etária)	N	M	DP	F (2,215)	p	Bonferroni
MCSDS Total	12-14	98	19.37	4.49	9.82	.000*	12-14>15-16 17-19
	15-16	48	17.44	4.40			
	17-19	72	16.32	4.63			

*p < .05

Tabela 22. Grupo CE: Resultados ANOVAs para a variável idade

Variável	Idade (faixa etária)	N	M	DP	F (2,150)	p	Bonferroni
MCSDS Total	12-14	15	18.80	4.68	3.13	.046*	15-16<17-19
	15-16	73	17.53	4.90			
	17-19	65	19.63	5.01			

*p < .05

Tabela 23. Grupo Escolas: Resultados teste t para a variável escolaridade

Variável	Escolaridade	N	M	DP	t (216)	P
MCSDS total	3º ciclo	101	19.41	4.61	-4.46	.000**
	Secundário	117	16.67	4.42		

**p < .01

Tabela 24. Grupo CE: Resultados ANOVAs para a variável escolaridade

Variável	Escolaridade	N	M	DP	F (2,150)	p
MCSDS Total	2º ciclo	48	19.02	4.12	1.27	.284
	3º ciclo	103	18.43	5.35		
	Secundário	2	13.50	3.54		

Tabela 25. Grupo Escolas: Resultados ANOVAs para a variável NSE

Variável	NSE	N	M	DP	F (2,150)	p
MCSDS Total	Baixo	66	16.62	4.82	3.84	.023*
	Médio	85	18.60	4.43		
	Alto	67	18.39	4.72		

*p < .05

Tabela 26. Grupo CE: Resultados ANOVAs para a variável regime

Variável	Regime	N	M	DP	F (2,150)	p
MCSDS Total	Aberto	19	18.63	4.41	0.07	.936
	Semiaberto	94	18.64	4.69		
	Fechado	40	18.30	5.98		

Tabela 27. Grupo CE: Resultados teste t para a variável medidas anteriores

Variável	Medidas anteriores	N	M	DP	t (140)	P
MCSDS total	Sim	67	18.55	5.08	0.01	.994
	Não	86	18.55	4.96		

Tabela 28. Grupo CE: Resultados teste t para a variável consumo de substâncias

Variável	Consumo de substâncias	N	M	DP	t (68)	P
MCSDS total	Sim	111	17.92	4.78	-2.48	.232
	Não	42	20.21	5.22		